

**FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

CLADIS ERZINGER STEUERNAGEL

O CANTO COMUNITÁRIO:
uma prática musical no exercício da espiritualidade da igreja cristã
em suas formas de expressão e execução

São Leopoldo
2016

CLADIS ERZINGER STEUERNAGEL

O CANTO COMUNITÁRIO:

uma prática musical no exercício da espiritualidade da igreja cristã
em suas formas de expressão e execução

Trabalho Final de Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Espiritualidade, música e
mídia.

Orientador: Prof. Dr. Júlio César Adam

São Leopoldo

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S842c Steuernagel, Cladis Erzinger
O canto comunitário : uma prática musical no
exercício da espiritualidade da igreja cristã em suas
formas de expressão e execução / Cladis Erzinger
Steuernagel ; orientador Júlio César Adam. – São Leopoldo
: EST/PPG, 2016.
90 p. : il. ; 31 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de
Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2016.

1. Canções sacras. 2. Hinos religiosos – História. 3.
Música sacra. 4. Culto público. 5. Espiritualidade. I. Adam,
Júlio César. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

CLADIS ERZINGER STEUERNAGEL

O CANTO COMUNITÁRIO:

uma prática musical no exercício da espiritualidade da igreja cristã
em suas formas de expressão e execução

Trabalho Final de Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Espiritualidade, música e
mídia

Data:

Prof. Dr. Júlio César Adam

Prof. Dr. Iuri Andreas Reblin

Dedico este trabalho aos musicistas da
IECLB pelos quais tenho enorme
admiração.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me conceder esta graça de poder realizar um sonho antigo; ao meu esposo Nelson, em especial, que me deu apoio, segurou “as pontas” enquanto estive fora e junto comigo participou deste sonho; aos meus filhos André e Adriane que compreenderam e valorizaram esse tempo de estudo; aos professores da EST, meu orientador Prof. Dr. Júlio César Adam, como também a todos da linha de pesquisa “Espiritualidade, Música e Mídia” pela forma como conduziram nossos trabalhos, pelo respeito a toda essa diversidade de ideias; e aos meus colegas de turma que se tornaram grandes amigos. Também à Paróquia da Comunidade Evangélica de Joinville, onde a pesquisa de campo, fundamental para esta pesquisa, foi realizada.

RESUMO

Este trabalho tem como tema o canto comunitário utilizado nas igrejas cristãs como exercício da espiritualidade, nas mais variadas formas de expressão e execução. A música pode levar pessoas a se inspirarem e expressarem seu louvor a Deus com todos os seus anseios e esperança. O trabalho tem como objetivo mostrar como a igreja cristã, desde as primeiras comunidades cristãs, passando pela Reforma Luterana, até a contemporaneidade, tem se utilizado do canto para louvar a Deus e exercitar a espiritualidade. Através de uma pesquisa de campo, social – qualitativa e descritiva, com amostragem aleatória simples, junto a uma paróquia da IECLB –, verifica-se que o culto permanece como centro da comunidade cristã e o canto auxilia no louvor a Deus e na prática da espiritualidade. O culto cristão, além dos diversos grupos da comunidade, faz do canto uma forma de expressão da identidade e fé cristã e da espiritualidade de forma comunitária. Conclui-se que a espiritualidade é manifestada através do canto, como bem evidencia a história do povo de Deus, desde as primeiras comunidades até a contemporaneidade.

Palavras-chave: Comunidade cristã. Canto comunitário. Espiritualidade. Louvor.

ABSTRACT

The theme of this paper is the congregational singing used in the Christian churches as an exercise in spirituality, in the most varied forms of expression and execution. Music can lead people to be inspired and express their praise to God with all their longings and hope. The goal of this paper is to show how the Christian church, from the first Christian communities, passing through the Lutheran Reformation, up to current times, have used singing to praise God and exercise spirituality. Through social-qualitative and descriptive field research with simple random sampling at a parish of the IECLB one can verify that the worship service continues to be the center of the Christian congregation and singing helps in praising God and in the practice of spirituality. Christian worship, besides the various groups of the congregation, makes of singing a way of expressing identity, the Christian faith and spirituality in a congregational way. One concludes that spirituality is manifested through singing, as the history of the people of God have shown from the times of the first communities up to current times.

Keywords: Christian community. Congregational singing. Spirituality. Praise.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Escolaridade	59
Figura 2- Satisfação com hinos e cânticos	60
Figura 3 - A música no culto ajuda a focar os pensamentos em Deus	61
Figura 4 - A música no culto auxilia no encontro com Deus.....	62
Figura 5 - Consegue louvar a Deus através dos hinos/cânticos.....	63
Figura 6 - O que você canta é verdadeiro para você.....	64
Figura 7- Necessidade de buscar no culto algo que preencha espiritualmente	66

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A ESPIRITUALIDADE NA VIDA COMUNITÁRIA	15
1.1 INTRODUÇÃO	15
1.2 DEFINIÇÃO E COMPREENSÃO SOBRE O TERMO ESPIRITUALIDADE	16
1.3 ESPIRITUALIDADE DE JESUS E DA IGREJA.....	17
1.3.1 A Igreja nos primeiros tempos	18
1.3.2 Espiritualidade: bases na Reforma	20
1.3.3 Espiritualidade na contemporaneidade	24
1.4 CONCLUSÃO.....	26
2 A MÚSICA COMO FORMA DE EXPRESSÃO	29
2.1 INTRODUÇÃO	29
2.2 A MÚSICA NA BÍBLIA	30
2.2.1 No Antigo Testamento	30
2.2.2 No Novo Testamento	33
2.3 A MÚSICA NA COMPREENSÃO DE LUTERO	35
2.4 CULTO E A MÚSICA	37
2.4.1 O culto cristão	37
2.4.2 A música do culto cristão	43
2.5 O CANTO EXERCITADO PELO POVO DE DEUS	46
2.6 O CANTO COMUNITÁRIO	52
2.7 CONCLUSÃO.....	54
3 A MÚSICA NO CULTO LUTERANO CONTEMPORÂNEO	57
3.1 INTRODUÇÃO	57
3.2 IDENTIFICAÇÃO.....	58
3.3 PERCEPÇÃO SOBRE SUA PARTICIPAÇÃO	59
3.4 PERCEPÇÃO SOBRE A MÚSICA E O CULTO.....	60

3.5 PERCEPÇÃO SOBRE A ESPIRITUALIDADE	64
3.6 A MÚSICA NO CULTO LUTERANO CONTEMPORÂNEO.....	67
3.7 RELATO SOBRE A OBSERVAÇÃO DO CULTO NA COMUNIDADE	75
3.8 CONCLUSÃO.....	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS.....	83
ANEXO 1	87

INTRODUÇÃO

O assunto desta pesquisa é o canto comunitário utilizado nas igrejas cristãs e como suas formas de expressão e execução podem nos mostrar possibilidades de compreender o ser comunidade como veículo importante na construção e reconstrução da vida de fé. Onde e como a música pode levar ao anúncio e pessoas a se inspirarem para expressar seu louvor a Deus com todos os seus anseios e esperança. Para perceber e compreender o jeito de ser e o modo de viver de uma comunidade pode-se remeter a Barbosa¹ que defende a ideia de que o modo de ser e o modo de viver de uma igreja está profundamente vinculado ao ser de Deus que, por sua vez, afeta profundamente nosso ser e nossa relação com o mundo.

O exercício da espiritualidade é considerado hoje como a volta aos sentimentos, à gratuidade, à solidariedade, à necessidade de salvação e purificação em dimensão pessoal, o olhar e o comprometimento com o outro, a nova maneira de experimentar emoções e afetos, em meio às diferenças e às culturas.

Durante muito tempo a modernidade considerou esta espiritualidade marginalizada, foi esnobada e tratada, muitas vezes, como irrelevante para a história. A partir da crise da modernidade há uma busca pela “espiritualidade” e pela “experiência vital”. Na teologia, somos desafiados a integrar e abrir-se para esta experiência, para a vivência, na fé com a qual se crê.

Neste trabalho serão apresentadas algumas reflexões sobre a espiritualidade, como entendê-la ou experimentá-la e como pensa-la teologicamente. A partir de Carl F. Schalk² abordaremos a importância da música ao longo da história, mostrando não somente como a igreja a entendeu, mas também como, em que medida e sob quais condições o seu uso foi permitido na vida das pessoas e na vida do culto, conforme as ideias e propostas de Lutero.

Se as pessoas precisam da igreja, se é na comunhão que elas podem ter um conhecimento mais real de si mesmas, como então a música pode ajudar a ser um elemento na conexão relacional no desenvolvimento de sua espiritualidade? Na Educação Musical, dizemos que os resultados de uma musicalidade ocorrem positivamente quando espírito e técnica pedagógica realimentam-se mutuamente.

¹ BARBOSA, Ricardo. *Janelas para a vida. Resgatando a Espiritualidade do Cotidiano*. Curitiba: Encontro Publicações, 2008.

² SCHALK, Carl F. *Lutero e a música: paradigmas de louvor*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

“Apenas no contexto de uma atitude positiva e benéfica é que a *técnica* pedagógica poderá atuar, integrando e instrumentalizando de maneira precisa os diferentes aspectos da experiência musical”.³ Portanto, para falar de música, de canto comunitário, de culto e espiritualidade e como os elos são criados entre si, não há como deixar de dialogar entre as partes e fazer algumas considerações dos aspectos que as relacionam, e certamente levar em consideração a vida das pessoas e o contexto no qual estão inseridas.

Os procedimentos adotados nesta investigação serão delineados a partir das considerações de autores que transitam nas áreas da teologia e da música na igreja, da educação musical e, em especial, na área do canto. O canto comunitário será abordado como um elemento de comunicação, de adoração, de formação, de expressão e de missão, que pode fortificar a vitalidade de uma comunidade, sinalizando uma espiritualidade a partir da vivência de fé que não tem finalidade em si mesma, mas que recorre à fonte que a nutre.

Algumas perguntas nortearam os pontos de interesse dessa pesquisa onde o canto comunitário foi considerado o elemento chave para abrir as conexões entre sua prática e sua relação com a comunidade: O que torna o canto comunitário tão abrangente e diversificado e com tantas especificidades? De que forma as comunidades luteranas se expressam musicalmente no canto comunitário? O acompanhamento do canto comunitário exerce influência na sua fruição? O que as pessoas da comunidade cantam? Afinal, onde se esbarra musicalmente quando a comunidade vai cantar? É a forma como se canta ou é o que se canta ou as pessoas não estão espiritualmente envolvidas com este canto? A comunidade reflete no cantar o que vive dentro da sua comunidade? Quem “lida” com a música dentro da comunidade nas comunidades luteranas?

Este trabalho conta com uma pesquisa de campo, social-qualitativa e descritiva, com amostragem aleatória simples, através da qual se observou e coletou dados sobre as características, as atitudes e opiniões de um grupo de 42 pessoas junto a uma comunidade da IECLB. Os dados foram sistematizados e ordenados para estas pudessem demonstrar e permitir a compreensão dos fenômenos pesquisados.

³ GAINZA, Violeta Hemzy de. *Estudos de Psicopedagogia Musical*. São Paulo: Summus, 1988. (Coleção novas buscas em educação, v. 31). p. 94.

Os envolvidos nesta pesquisa são membros de uma paróquia urbana da IECLB na cidade de Joinville, SC, que participam regularmente dos cultos dominicais. A investigação foi realizada através de um questionário distribuído para 50 pessoas nos cultos, dos quais 37 devolveram devidamente preenchidos. As perguntas buscam verificar de que forma a prática do canto comunitário pode sinalizar a expressividade e a espiritualidade de uma comunidade na sua execução musical. O questionário elaborado encontra-se no apêndice 01 deste trabalho.

Para observar e acompanhar o culto, a liturgia, a música e a participação das pessoas no culto desta paróquia, foram observados três cultos dominicais, dois matutinos e um à noite. Estes foram devidamente protocolados e os resultados destas observações estão relatados no capítulo três.

Como a paróquia, na qual foi realizada a pesquisa, tem vários grupos musicais, incluiu-se também uma investigação com cinco lideranças, cada qual retratando as suas impressões e sentimentos pessoais sobre suas próprias atuações.

A paróquia está situada num bairro que faz divisa com o centro da cidade. Atualmente conta com aproximadamente 500 membros, distribuídos em diretoria, presbitério e departamentos. Trabalham como pessoas contratadas uma secretária, uma diarista e dois regentes. A paróquia conta com dois coros e um grupo musical. Os instrumentistas são voluntários: tecladista, flautista, violinista, violonista, percussão e baixista. A paróquia conta com um ministro pastor. As atividades semanais e mensais são realizadas com os adolescentes do ensino confirmatório, com o grupo de adolescentes e jovens, com grupos de mulheres (OASE e Grupo de Reflexão), com grupo de homens e de dança sênior. Em todos os domingos são realizados os cultos, pela manhã e à noite, cuja média de participação, somando os dois, é de 140 pessoas. Além disso, há cultos em língua alemã, café com idosos e diversos grupos de casais. A diretoria promove retiros e realiza um culto campal ao ano.

São entoados hinos tradicionais com acompanhamento adequado a esta forma de construção musical, como também com performances mais contemporâneas. Os hinos, canções e partes litúrgicas fazem parte do culto dominical com suas diferentes possibilidades de expressão, com ou sem instrumentos, nas várias tonalidades, cadências e modulações, em seus estilos e formas estruturais conforme épocas, bem entoados ou não. A música no culto, como

elemento de proclamação, de louvor e adoração, é, portanto desenvolvida de várias formas e será considerada aqui também como manifestação artística.

O trabalho está organizado da seguinte forma: o primeiro capítulo trata da espiritualidade na vida comunitária. O enfoque se dá a partir de Jesus, da Igreja em seus primórdios. Como o objeto de estudo tem enfoque numa comunidade luterana, se destaca a Reforma e questões relacionadas à espiritualidade luterana. Ainda nesse primeiro capítulo se contempla São Francisco de Assis e aspectos da sua espiritualidade, uma vez que se trata de um exemplo relevante. Finaliza-se o capítulo discorrendo sobre a espiritualidade na contemporaneidade.

O segundo capítulo trata a música como forma de expressão. Traz um estudo sobre o uso da música na Bíblia, na compreensão de Lutero, o canto como prática musical comunitária e finaliza-se abordando a música no culto cristão. O terceiro capítulo trata da música no culto luterano contemporâneo, a partir de pesquisa de campo anteriormente referenciada, analisando o papel da música no exercício da espiritualidade litúrgica evangélica em uma comunidade cristã.

1 A ESPIRITUALIDADE NA VIDA COMUNITÁRIA

1.1 INTRODUÇÃO

Tratar sobre a espiritualidade nesta pesquisa talvez possa nos ajudar a enxergar caminhos mais integrais, inclusivos, holísticos e libertadores de ser e viver comunidade. Exercitar a espiritualidade através do canto pode ser uma possibilidade de oportunizar uma comunidade expressar sua vida de fé e sua unidade cristã. Estamos tratando aqui sobre a relação do ser humano com Deus e também das várias reações e necessidades diante das demandas geradas pelo mundo moderno.

Alguns autores nos levam a significativas reflexões sobre o assunto e observa-se que abordar esta temática é algo amplo e complexo. Tomaremos o cuidado de aproximarmo-nos do termo para lhe dar significado enfocando apenas alguns aspectos dentro desta imensa gama nos conceitos. Hoje, com a preocupação pela qualidade de vida das pessoas, o termo espiritualidade tem tido seu espaço, sendo discutido e ampliado, abrindo um leque para novos conceitos. Expandiu-se também para as áreas de autoajuda, esoterismo e espiritualismo, deixando de ser um tema exclusivamente do campo eclesial. A partir disso disponibilizou uma mistura de conteúdos e métodos que surgem das mais diversas práticas de tradições religiosas ocidentais e orientais, e a igreja deixa, portanto, de ser seu lugar de referência.

Há uma procura por uma espiritualidade que se mescla nas mais variadas expressões,⁴ mas o que se percebe é uma preocupação principalmente pela forma de relação entre a ação do Espírito Santo e a vivência humana na história, entre espiritualidade e cotidiano.

Tentaremos elencar algumas questões levantadas por teólogos que têm se especializado nesta área e buscar para dentro da pesquisa alguns focos que nos ajudarão a relacionar a espiritualidade dentro de uma comunidade com sua forma de expressão através do canto.

Abordaremos em seguida algumas ideias de autores das quais tentaremos observar em que medida seus estudos podem nos conduzir a perceber sobre esta

⁴ FLUCK, Marlon Ronald. Espiritualidade e cotidiano. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 30, n. 2, p. 104-113, 1990. p. 104.

espiritualidade, como ela pode ou não acontecer em nosso cotidiano, como ela se manifesta nas comunidades e como compreendê-la e vivenciá-la.

1.2 DEFINIÇÃO E COMPREENSÃO SOBRE O TERMO ESPIRITUALIDADE

Conforme Butzke⁵, espiritualidade é a forma com a qual o cristão ou a comunidade expressa sua fé, é a expressão exterior e corporal da fé interior motivada pelo Espírito.

Ricardo Barbosa⁶ nos diz que refletir sobre a espiritualidade é buscar as motivações mais secretas em nosso relacionamento com Deus e encontrar uma teologia consistente com este relacionamento. É discernir o lugar de Deus no coração e na experiência vivida por nós.

Hermann Brand,⁷ teólogo alemão, aponta para uma espiritualidade a partir de uma nova compreensão. “Uma espiritualidade de libertação”, tratada por Gustavo Gutiérrez⁸, no seu famoso livro *Teologia da libertação*, no qual ele resume em termos gerais esta nova compreensão de espiritualidade desenvolvida na América Latina. Caracteriza-se pela exigência de “compromisso”, de “entrega” com e a Deus, e, ao mesmo tempo, ligado ao compromisso com o irmão, especialmente com o irmão que sofre opressões, que é menos favorecido. Esta espiritualidade quer significar uma ruptura com o estilo de vida de uma sociedade de consumo capitalista.

Originalmente o termo “espiritualidade” vem do adjetivo latino *spiritualis*, tradução de *pneumáticos* exemplo que podemos verificar em 1Co 2.14-3.3 que aponta para a forma de viver a partir da fé. O conceito moderno de espiritualidade nasceu na igreja católica romana que veio da teologia das ordens religiosas francesas desde o séc. XVII. Para a teologia protestante este termo passou a ser mais conhecido a partir da V Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas, que aconteceu em 1975, em Nairóbi, no Quênia. A frase da mensagem dirigida todos os cristãos foi “ansiamos por uma nova espiritualidade que perpassasse nosso planejar,

⁵ BUTZKE, Afonso Paulo. Aspectos de uma espiritualidade luterana para os nossos dias. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 43, n. 2, p. 104-120, 2003.

⁶ BARBOSA, Souza de Ricardo. Deserto e Comunhão. O caminho da espiritualidade cristã. *Boletim Teológico*. Fraternidade Teológica Latino Americana, Setor Brasil, v. 8, n. 22, 1994.

⁷ BRAND, Hermann. *Espiritualidade*. Vivência e graça. São Leopoldo: Sinodal. p. 33-34.

⁸ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2000.

refletir e agir”.⁹ Ela foi motivadora para o renascimento do tema em toda a *ecumene*, em especial nas igrejas históricas.

Em Lutero podemos reconhecer uma espiritualidade voltada à fragilidade do ser humano. Uma dependência e insuficiência humana que se transforma a partir da ação do Espírito Santo. Assim afirma em sua teologia:

Creio que por minha própria razão ou força não posso crer em Jesus Cristo, meu Senhor nem vir a ele. Mas o Espírito Santo me chamou pelo evangelho, iluminou com seus dons, santificou e conservou na verdadeira fé. Assim como chama, congrega, ilumina e santifica toda a cristandade na terra, e em Jesus Cristo a conserva na fé verdadeira e única.¹⁰

Para a teologia luterana a fé não é algo abstrato, restrito ao cognitivo e circunscrito à apreensão doutrinária. É pessoal, existencial, é obra do Espírito Santo que utiliza a dinâmica da Palavra de Deus e remete ao contexto da comunhão da igreja de Cristo. Para Butzke¹¹, a Espiritualidade inclui a fé, o exercício espiritual e o estilo de vida do cristão que na prática abrange a dimensão individual, familiar, comunitária e social.

1.3 ESPIRITUALIDADE DE JESUS E DA IGREJA

Jesus, conforme relatam os evangelhos, praticava a meditação e a contemplação em momentos que orava e ficava a sós: “Tendo se levantado alta madrugada, saiu para um lugar deserto e ali orava” (Mc 1.35). Aqui ele cumpre com a tradição descrita nos salmos: “De manhã te apresento a minha oração e fico esperando” (Sl 5.4).

Retirar-se para o exercício espiritual, que provavelmente era uma prática de outros judeus piedosos da época, se baseava no relacionamento com Deus. Mas Jesus também se fazia presente nos cultos da sinagoga onde se lia e interpretava-se a Escritura, conforme a tradição judaica, onde vivia em comunhão de vida com seus discípulos e onde testemunhava a respeito do Reino de Deus. Podemos

⁹ MOHN *apud* BUTZKE, 2003, p. 105. Naquele mesmo ano o Congresso de Jovens em Taizé teve como tema “Meditação e Engajamento”, um indicativo que aponta para uma espiritualidade conectada com os problemas deste mundo.

¹⁰ LUTERO, Martinho. Catecismo Menor, explicação do II Artigo. In: LIVRO DE CONCÓRDIA: as Confissões da Igreja Luterana. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1997. p. 372.

¹¹ BUTZKE, 2003, p. 106.

constatar a partir dos evangelhos que a espiritualidade de Jesus se constituía de elementos como o ouvir, a oração, o compartilhar, o testemunho e a ação.¹²

Na igreja primitiva a base de fé e doutrina da igreja e a origem da espiritualidade surgem a partir da interpretação da morte de Jesus e sua ressurreição, que significou: Ele continua vivo na história, sua palavra, sua preocupação com os seus e com o mundo. Foi uma espiritualidade *doxológica e eclesial*, baseada no culto e na vida em comunhão (Atos 2.42-47). Aqui aparece o ícone da igreja primitiva onde podemos perceber a espiritualidade de Jesus transformada em espiritualidade comunitária.

Esta espiritualidade era vivida no templo, nas casas dos cristãos e na cidade, nos espaços sociais da época onde a comunidade se encontrava. Para estas comunidades neotestamentárias a “casa que no grego é *oikos* ou *oika*, também significava família.¹³ As comunidades familiares, em torno de 30 a 40 pessoas,¹⁴ auxiliavam na superação do anonimato da grande cidade. Dedicavam-se aos membros destas comunidades, preocupavam-se com sua fé, sua vida e expressavam uma tendência diaconal a qual se sobressaía chamando a atenção aos seus contemporâneos não cristãos que viviam de forma contrária com as características da vida de cidade grande.

1.3.1 A Igreja nos primeiros tempos

As perseguições, as controvérsias teológicas e a luta contra as heresias perpassam os três primeiros séculos da igreja cristã. Mudanças acontecem quando de igreja perseguida ela passa à igreja imperial fato este que acabou direcionando um grande número de pessoas à igreja, pois pertencer como cidadão ao império romano era filiar-se à igreja cristã.

Muitos cristãos a partir deste novo modelo, desta nova forma de ser igreja se afastaram de seu convívio para viverem no exercício de isolamento no deserto. Este

¹² BUTZKE, 2003, p. 107.

¹³ Verbete *oikos*, segundo MICHEL, Otto *apud* BUTZKE, 2003, p. 109.

¹⁴ Toda a cidade de Corinto tinha entre 100 e 200 membros distribuídos nas diversas casas, igrejas familiares. Nas grandes cidades greco-romanas, o binômio comunidade-casa ou comunidade-família contrapõe-se à realidade da cidade. Corinto, nos tempos do Novo Testamento, contava cerca de 100 mil habitantes, entre eles mil prostitutas e 33 mil escravos, e possuía uma infinidade de cultos, seitas e estilos de vida.

fenômeno da *anacorese*¹⁵ tornou-se o modelo ideal de vida cristã. Para os monges¹⁶ e monjas do deserto, esta foi a única saída encontrada para viver a espiritualidade cristã com seriedade. Eles viviam como *anacoretas*¹⁷ (eremitas), ou *cenobitas*¹⁸ (conventuais) e procuravam a *monotropia* – a concentração completa e permanente em Deus que era motivada em alcançar a unidade entre doutrina e vivência da fé no cotidiano. Para isso precisavam da tranquilidade, da concentração da solidão e do silêncio, enfim, a paz no coração.

Podemos relacionar esta espiritualidade cristã que nos é apresentada pelos *Pais do deserto*, movimento este iniciado por volta do século IV, no qual ao retirarem-se para a solidão do deserto, buscaram nesse gesto algo parecido com a experiência do povo Hebreu indo para Terra Santa ou a de Jesus na tentação no deserto. Para os Hebreus o deserto representou o desnudamento do coração e da alma perante Deus e eles mesmos. Para Jesus, o deserto da Judéia na experiência da tentação representou a definição de como ele haveria de exercer seu poder messiânico.

A contribuição do deserto, aqui não visto como um afastamento geográfico, mas como uma atitude, uma postura diante de Deus e principalmente de nós mesmos se dá onde nossas ilusões são confrontadas com a verdade e onde nossas ideias e conceitos sobre Deus são substituídos pela revelação do Deus mesmo. Quando tudo o que resta sou eu com minha nudez e Deus com sua glória e amor. Vemo-nos como Deus nos vê.

A espiritualidade exercitada no “deserto”, conforme Barbosa¹⁹ traz à tona a importância desta atitude como experiência de *solitude*, o encontro da alma humana com o Criador e conseqüentemente consigo mesma.

Francisco de Assis aparece na história como um exemplo de espiritualidade da Idade Média, um modelo antigo, mas entender sua trajetória espiritual é preparar-

¹⁵ *Anacoresis* significa “distanciar-se, ausentar-se; no caso dos monges e monjas primitivos significava ir para o *éremon*, o deserto do Egito ou da Síria, lugares desabitados e inóspitos, distantes do mundo agitado. Interessante é que *éremon* também pode significar “silêncio”, “tranqüilidade”. Na Igreja Antiga, a palavra “eremita” (morador do deserto) é sinônimo de “monge”.

¹⁶ O termo “monge” provém de *monacós*, o “solitário”, o “solteiro”.

¹⁷ Os *anacoretas* não viviam completamente isolados, mas tinham seus *kélioi/kéliai* (“cela”, “pequena moradia”) próximos uns dos outros numa colônia sob a direção de um monje experiente (o *Abba*, ou no caso de monjas, a *Amma*). Outra alternativa anacorética era o monasticismo peregrino ou girovágico (Mt 10; Lc 10), que, ao longo da história da igreja, muito contribuiu para a missão cristã.

¹⁸ Os cenobitas ou *coinoobitas* (de *coinoobion*, “vida comum”) inspiravam-se na própria comunidade primitiva de Jerusalém (At 2.43ss.; 4.32-37). Característico para esta vertente monástica, que logo vai se tornar predominante, é a moradia, a oração, o trabalho, o plano de atividades diárias comuns.

¹⁹ BARBOSA, 1994, p. 36.

se para o novo. Olhar este passado e compreender esta caminhada a partir de um movimento espiritual do qual não se tem notícia de algum similar requer alguma atenção. Estamos falando aqui do movimento pauperista dos séculos XII e XIII que se tornou visível no sul da França, sul da Alemanha e toda a Itália. Um movimento de leigos que seguiam ao *Cristo pobre* e tinham uma vida apostólica itinerante. Traduziam o Evangelho nas línguas do povo e pregavam andando de dois em dois.²⁰

Tomar conhecimento de um movimento dentro do contexto da época que levou a inúmeros seguidores só pode ser compreendido a partir da existência de uma força do Espírito que vai além da consciência, um *logos* já presente e exercitado por místicos da época. O carisma vivido por Francisco de Assis Ihe é inerente e é fruto de exercício de uma espiritualidade de toda uma geração. É uma herança que percorreu a história e que interpretamos como “a força do Espírito criador que aquece os corações, invade as almas e cria seus representantes.”²¹

Francisco de Assis vivia o Evangelho de acordo com as escrituras e o fazia com seriedade mas com leveza. Juntou-se aos pobres e seguia o caminho da simplicidade. Enfrentou o clero não escapando de crises, doença e tristeza.

Sua fraternidade sem limites abrange dimensões de doçura, cortesia, ternura, de amor, de afabilidade, de comoção, e de carinho para com os irmãos. Preparar-se para “o novo” a partir desta experiência cristã, seria então poder experimentar a compaixão de Deus acima de todas as dificuldades? Ser acolhido pelo grande samaritano divino que nos recebe e perdoa? É viver através de uma alegria que nasce a partir daí para enfrentar todas as situações porque a última palavra de Deus não é a morte, não é o castigo, não é a cruz, mas é a vida, é o perdão, é a jovialidade, é a reconciliação.²²

1.3.2 Espiritualidade: bases na Reforma

A espiritualidade, assim como a teologia acompanhou a trajetória da história da igreja, adequou-se e recebeu influências confessionais diversas, mas permaneceu reconhecível em suas formas fundamentais. Trataremos a seguir como

²⁰ BOFF, Leonardo. LELOUP, Jean-Yves. *Terapeutas do Deserto: de Filon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Dürckheim*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 28.

²¹ BOFF; LELOUP, 1997, p. 30.

²² BOFF; LELOUP, 1997, p. 134.

estas formas fundamentais da espiritualidade cristã foram reinterpretadas por Lutero.²³

Lutero as recebeu como formas fundamentais da espiritualidade medieval²⁴: *meditatio, oratio, tentatio, sacramenta, caritas*. Como monge agostiniano-eremita²⁵ Lutero recebeu instrução sobre métodos de meditação de textos da Escritura, sobre como lutar contra as tentações, sobre como viver com os sete sacramentos, principalmente com a eucaristia, sobre a vivência do amor e da solidariedade cristãs. Dentro desta prática e destes exercícios espirituais estava a igreja ocidental no início do séc. XVI da qual Lutero fazia parte.

Sua prática pessoal e sua teologia reformatória se reorganizam quando submete à tradição da *praxis pietatis* medieval ao que considera o centro da teologia reformatória: nós somos aceitos por Deus não por causa de méritos ou obras religiosas ou morais, mas “recebemos remissão do pecado e nos tornamos justos diante de Deus pela graça, por causa de Cristo, mediante a fé, quando cremos que Cristo padeceu por nós e que por sua causa os pecados nos são perdoados e nos são dadas justiça e vida eterna”.²⁶(CA IV).

Lutero lança cinco pilares da *praxis pietatis* evangélica nos Artigos de Esmalcada (III/4):

[...] Deus é exuberantemente rico em sua graça. Primeiro, mediante a palavra falada, em que é pregada remissão de pecados em todo o mundo. Esse é o ofício próprio do Evangelho. Em segundo lugar, pelo batismo; em terceiro pelo santo sacramento do altar; em quarto, mediante o poder das chaves e também *per mutuum colloquium et consollationem fratrum*²⁷ (através do mútuo colóquio e consolação dos irmãos).

O cristão luterano para poder permanecer firme na fé no ínterim entre batismo e morte, recebe então, exercícios espirituais que completam sua *praxis pietatis*

²³ BUTZKE, 2003, p. 113.

²⁴ Não tem como expor aqui toda a riqueza da espiritualidade medieval da igreja ocidental, principalmente aquela das ordens religiosas como a espiritualidade litúrgica dos beneditinos, a espiritualidade solidária dos franciscanos (Francisco de Assis), a espiritualidade mística dos dominicanos (Ekhard, Seuse, Tauler), a espiritualidade contemplativa, dos carmelitas (Teresa de Ávila, Juan de La Cruz e, contemporânea a Lutero, a espiritualidade do cotidiano dos jesuítas (Inácio de Loyola), estas entre outras mais

²⁵ Importante foi o relacionamento com seu diretor espiritual, Johann Staupiz. Sabe-se que Lutero também foi influenciado pela *Devotio Moderna*, movimento espiritual leigo da alta Idade média fundado por Gerhard Grote. Através de Garcia Jimenez de Cisneros, o movimento também influenciou Inácio de Loyola.

²⁶ CONFISSÃO DE AUGSBURGO. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 12.

²⁷ LIVRO DE CONCÓRDIA: as Confissões da Igreja Luterana. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1997. p. 332.

reconhecida nas igrejas de confissão luterana: o *culto*, onde a palavra é pregada; os *sacramentos- batismo, confissão e santa ceia* – como meios de graça, e a *poimênica fraterna* nas diversas situações existenciais.

O lar luterano torna-se um espaço importante para a espiritualidade. Durante muito tempo o *culto familiar* foi considerado uma das instituições mais sólidas da igreja luterana. Transformou-se depois em “*devoção familiar*”, que seria uma versão reduzida do *culto familiar*. Compunham este culto familiar: *hino, leitura bíblica, oração* e leitura de um trecho do *Catecismo Menor*. Com isso, mais quatro elementos importantes entravam para à *práxis* luterana, totalizando nove *elementos básicos* que perfazem a riqueza da espiritualidade evangélico-luterana: o *culto*, os *sacramentos – batismo, confissão e santa ceia* – a *poimênica fraterna*, o *hino evangélico* (hinário), a *leitura bíblica*, a *oração* (livros de orações), o *Catecismo Menor* (doutrina elementar). A partir desta prática, cada cristão e cada família luterana tinha a tarefa de ordenar estes elementos para sua *politeia* pessoal e familiar e sua meditação particular.²⁸

Sobre como exercitar a espiritualidade, Lutero pouco esclarece, mas de forma fragmentada há indicações interessantes, principalmente sobre *sua meditação do catecismo*, quando ele escreve no prefácio do *Catecismo Maior*:

[...] faço como criança a que se ensina o Catecismo: de manhã, e quando quer que tenha tempo, leio e profiro, palavra por palavra, o Pai Nosso, os Dez Mandamentos, o Credo, alguns salmos, etc. Tenho de continuar diariamente a ler e estudar, e ainda assim, não me saio como quisera, e devo permanecer criança e aluno do Catecismo. Também me fico prazerosamente assim. [...] existe multiforme proveito e fruto em ler e exercitá-lo todos os dias em pensamento e recitação. É que o Espírito Santo está presente com esse ler, recitar e meditar, e concede luz e devoção sempre nova e mais abundante, de tal forma que a coisa de dia em dia melhora em saber e é recebida com apreço cada vez maior.²⁹

A meditação através do catecismo estava estruturada metodologicamente como *exercício meditativo*. Era mais que uma simples leitura e reflexão cognitiva. Era recitado e depois meditado a partir de quatro perguntas: o que eu aprendo, o que tenho a agradecer, o que tenho a confessar e pelo que quero pedir. Lutero

²⁸ BUTZKE, 2003, p. 114 - 115.

²⁹ LIVRO DE CONCÓRDIA, 1997, p. 388.

elaborou com isso um exercício espiritual composto por concentração, meditação e oração.³⁰

Esta meditação do Catecismo era inédita na história da espiritualidade. Tinha a ver com uma proposta de ensino-aprendizagem e procurava envolver os pais como responsáveis por uma educação para a vida e para a fé e esta acontecia na convivência cotidiana do lar. Decepcionou-se com esta proposta de espiritualidade familiar a partir de visitas realizadas entre 1528 a 1529, quando se deparou com uma miséria espiritual entre o povo, referindo-se às pessoas das aldeias que pouco sabiam da doutrina cristã, aos pastores, que na maioria não tinham competências para a prática do ensino.

Será que podemos dizer aqui que a falta de capacitação ou a falta de informação pode inibir o processo no desenvolvimento da espiritualidade? Parece que Lutero percebeu algo assim na sua época. Supõe-se que ele estava preocupado com o exercício da espiritualidade, de como envolver-se numa comunidade para possibilitar fluir a ação do Espírito Santo. Nos próximos capítulos abordaremos práticas que são realizadas nas comunidades nos dias de hoje, que podem nos levar à experiências relacionadas a esta compreensão.

Nem todas as famílias evangélicas tinham condições de cumprir o que Lutero havia planejado. Ele achava que os frutos da pregação do evangelho não apareciam na medida certa e se frustrava com isso. Porém, pouco a pouco, ao longo dos tempos, sua proposta introduziu-se na vida familiar evangélica. Participavam do culto comunitário dominical e realizavam culto familiar diário: lia-se a Bíblia, fazia-se uso da confissão individual ou da confissão coletiva na liturgia eucarística, recebia-se regularmente a santa ceia, diariamente procurava-se permanecer na graça e no compromisso do batismo, cantavam-se os corais evangélicos, conhecia-se o hinário - que também era livro de orações -, sabia-se o Catecismo Menor de cor, além de versículos bíblicos selecionados. Esta espiritualidade estava emoldurada no ciclo da natureza e no ritmo do ano litúrgico.³¹

Esta prática diversificada elaborada por Lutero teve sua estabilidade até metade do século XX, também na IECLB. Hoje não possui mais a mesma característica e talvez tornou-se menos fácil transmitir fundamentos teológicos e espirituais às novas gerações.

³⁰ BUTZKE, 2003, p. 116.

³¹ BUTZKE, 2003, p. 117.

Com o iluminismo iniciou o processo de dissolução das formas da espiritualidade tradicional, dando oportunidades para ideias liberais abrindo-se possibilidades para muitos se libertarem da tutela da igreja. Os que desejavam permanecer com a espiritualidade herdada procuraram se proteger afastando-se e com isso desvincularam-na da vida cotidiana. Com isso, a espiritualidade luterana tornou-se demasiadamente cognitiva, limitando-se em grande parte à reflexão intelectual sobre o texto bíblico ou sobre a doutrina, perdendo a conexão com a experiência, com o corpo e com o cotidiano.³²

1.3.3 Espiritualidade na contemporaneidade

O ritmo de vida da sociedade contemporânea, industrial e urbana, dentro das transformações sócio-culturais ocorridas, não permite mais que se tenha o mesmo ritmo de vida que estruturava a prática tradicional. Por outro lado, perguntas existenciais continuam procurando respostas e o ser humano vem procurá-las na religião.³³

A modernidade e a pós-modernidade fracassaram ao desconsiderar a dimensão espiritual e relacional do ser humano. A religião se transformou num consumo de mercado reduzindo-a a uma experiência individual, utilitária e desconectada com a ética e moral e com a alma e coração humano.

Segundo Fluck, como já vimos, “há uma mistura de ‘espiritualidade mística e espiritualidade emancipatória’. Por detrás dessa pulverização de conceitos está, em suma, toda a preocupação pela forma de relação entre a ação do Espírito Santo e a vivência humana na história: entre espiritualidade e cotidiano.”³⁴

Prossegue Fluck afirmando que

Alguns teólogos luteranos têm tentado superar essa pulverização conceitual, colocando, lado a lado, os conceitos de espiritualidade, entendida como obra própria de Deus, compreendendo justificação pela fé, graça, redenção, etc., e de piedade, entendida como cultivo de uma vida em comunhão, o que compreende oração, estudo devocional da Bíblia e comunhão com os irmãos na fé. Espiritualidade teria, portanto, a ver com a dádiva da fé, e piedade com o cultivo e vivência da fé. Espiritualidade precisa, necessariamente, ser vista de uma forma relacional, porém isso não quer significar perda de especificidade. Continua, no entanto, a

³² BUTZKE, 2003, p. 117.

³³ BUTZKE, 2003, p. 118.

³⁴ FLUCK, 1990, p. 104.

pergunta: O que é, então, o específico da espiritualidade? Pessoalmente, prefiro entender espiritualidade como a ação dinâmica do Espírito Santo em nossa vida pessoal, eclesial e social, de tal forma que aí se produzem os frutos do Espírito Santo (G1 5.22s). É a força geradora desses frutos em nós e, a partir de nós, no mundo. É tudo aquilo que conduz à práxis da fé.³⁵

Nesse sentido, cabe aqui ressaltar algumas questões relativas à espiritualidade vistas a partir da teologia latino-americana que nos leva a entendê-la como parte de uma caminhada que se faz com e em meio ao povo de Deus, principalmente com as pessoas menos favorecidas. Gutiérrez³⁶ sustenta esta idéia quando diz que a espiritualidade é a metodologia da teologia da libertação. Nesse caminho é possível afirmar que base desta reflexão teológica, o encontro com Jesus Cristo está representado no rosto do *outro*. Essa experiência tem sido apresentada como uma caminhada que leva ao discipulado, onde seguir os passos de Jesus em meio à conflitos, opressão, morte e miséria, dentro de um contexto com fortes contrastes entre riqueza e pobreza, implica em olhar a favor da justiça, da liberdade e da tomada de consciência da luta pela vida e pela paz. São ações nas quais há necessidade de despojamento, conversão e exercício da misericórdia como prática permanente pois do contrário o discurso religioso sobre a justiça do reino de Deus se trona vazio comprometendo seu testemunho e credibilidade.³⁷

Como se pode perceber, esta espiritualidade da libertação, quando assumida como referencial da prática da fé na missão de Deus, lida com algumas questões como superação de velhos preconceitos, mudança de mentalidade. Mas é no cansaço, na fraqueza, quando tudo parece escuro e sem brilho que surgem ações como o canto e a prece que vem como forma de expressão da espiritualidade. O canto comunitário aqui é considerado uma das expressões mais conhecidas dessa espiritualidade, animando e levando a comunidade cristã a ser povo de Deus neste continente e alegrando seus corações.

Falar da e sobre a espiritualidade nos leva também a compreender que sobre suas consequências que são consequências da fé enquanto liberdade para servir.³⁸

Mas talvez seria interessante dizer que o tema *espiritualidade* tem na atualidade mais do que em outras décadas uma importância inesperada. O ser

³⁵ FLUCK, 1990, p. 104.

³⁶ GUTIÉRREZ, 2000.

³⁷ ZWETSCH, Roberto. Missão: testemunho do Evangelho no horizonte do reino de Deus. SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *Teologia prática no contexto da América Latina: Evangelho, missão e culturas: o desafio do século 21*. São Paulo: ASTE, 1998. p. 209.

³⁸ ZWETSCH, 1998, p. 210.

humano continua perdidamente religioso. Suas perguntas existenciais continuam procurando respostas. Constatamos que as respostas destes anseios nem sempre são procuradas nas igrejas, nem no cristianismo. O crescimento pela espiritualidade oriental com ideologia holística e integral é notável.³⁹

A ciência, a lógica e a razão estão presentes hoje como fortes componentes na vida das pessoas, mas não determinam a princípio um encontro com Deus segundo Barbosa.⁴⁰ As pessoas ficam oscilando, ora buscando nos seus teólogos as respostas de seus dilemas intelectuais, ora nos carismáticos o espaço para expressão da alma. E o resultado, muitas vezes, é a frustração e o vazio.

1.4 CONCLUSÃO

A partir destas considerações, do diálogo entre os autores mencionados acima; dos pontos elencados sobre a espiritualidade, no decorrer da história; e das constatações de tantas possibilidades de transmitir fundamentos teológicos e espirituais às novas gerações, mesmo percebendo que há uma perda entre o vínculo destes à vida cotidiana, às vezes, um vazio pela falta de experiência com Deus e pelas dificuldades eclesiais internas; convém dizer que o tempo ainda é de espiritualidade.

É bem verdade que a espiritualidade que se apresenta se tornou mais cognitiva, restringindo-se em parte à reflexão intelectual, perdendo sua conexão com a experiência, com o corpo e com o cotidiano. Com isso, a igreja vive hoje uma espiritualidade impessoal, alienante e, conseqüentemente, frustrante. Como nos diz Barbosa,⁴¹

[...] resgatar a espiritualidade e história cristã na agenda da igreja evangélica é prepara-nos para a ressaca espiritual de amanhã. Para manter a espiritualidade cristã e bíblica é preciso reconhecer a centralidade na cruz, esta que representou uma escolha, um caminho que Jesus decidiu trilhar: um caminho de obediência ao Pai.

Lutero e Francisco de Assis trazem na sua dialética pontos em comum no que diz respeito à espiritualidade. Experimentaram vivências espirituais com trajetórias e desdobramentos de épocas diferentes, mas com características similares. Exercitar

³⁹ BUTZKE, 2003, p 118.

⁴⁰ BARBOSA, 1994, p. 33.

⁴¹ BARBOSA, 1994, p. 55.

o amor e a solidariedade, viver o evangelho com seriedade sem perder a leveza, estudar as escrituras sem deixar de lado o cotidiano, e a grande preocupação com o povo, foram práticas inerentes do seu tempo. Portanto, o exercício da espiritualidade e aqui gostaria de me referir mais especificamente à Francisco de Assis, pode ser sim, adquirida e experimentada por todas as pessoas.

Butzke⁴² é imperativo ao afirmar que precisamos redescobrir a riqueza de formas, reaprender os métodos de meditação e resgatar os exercícios espirituais. Defende que suficiente seria voltar e beber da rica fonte da espiritualidade cristã.

Viver a espiritualidade hoje nos leva a olhar para dentro e fora de nós mesmos de nossas comunidades buscando entender como estas se reinventam para sobreviver as novas formas de encarar o mundo, as pressões e as opressões do pós moderno. É enxergar nas suas formas de expressão e ferramentas suas manifestações com a transcendência e imanência, com a objetividade e a subjetividade, com o intelecto e as emoções tentando manter o equilíbrio.

Esta pesquisa nos leva a alguns indicativos de como as pessoas percebem sua espiritualidade dentro de uma comunidade, qual sua relação com seu cotidiano e como procuram se expressar e manifestar esta relação com o Divino.

No próximo capítulo iremos abordar alguns aspectos musicais que poderão ajudar nestas manifestações da espiritualidade nas pessoas que a buscam para sua vida.

⁴² BUTZKE, 2003, p. 118.

2 A MÚSICA COMO FORMA DE EXPRESSÃO

2.1 INTRODUÇÃO

Entendemos que a expressão se faz presente quando nos relacionamos com o mundo concreto através dos sentidos. Quando, com os olhos vemos o que se reflete através da luz, com os ouvidos através das vibrações audíveis do ar, com o paladar saboreamos o que comemos e classificamos em agradável ou não, com o olfato distinguimos os aromas, com o tato percebemos o que tocamos. A materialidade do mundo em que vivemos nos é mostrada em parte pelos sentidos, através dos quais descobrimos a sua realidade. Viver numa esfera espiritual, restringindo a vida apenas ao imaterial é praticamente impossível. Somos envolvidos constantemente com o mundo em que vivemos e isso nos leva a entender e a dar aos sentidos seu devido valor. Quando afirmamos que Deus é Espírito, adorá-lo em espírito significa que para esta ação estaremos vinculados de toda matéria e dos sentidos, portanto estaremos presentes por inteiro.⁴³

Quando inserirmos a arte, a música em nossas práticas cotidianas, estamos nos envolvendo com uma multiplicidade de enfoques e uma pluralidade de posturas. A vida cotidiana não é algo só vivido no plano individual, mas ela necessariamente irá se realizar num quadro sócio espacial.

Viver a música da igreja na prática do culto é envolver-se com o cotidiano que lida com elementos socioculturais, religiosos, espirituais, éticos e estéticos num exercício da compreensão, da comunhão, e da transformação na vida de uma comunidade.

Para entendermos estas questões acima mencionadas abordaremos alguns aspectos sobre a música, a vida das pessoas, a vida da igreja, tendo na Bíblia seu ponto de partida. Sobre estes aspectos, é significativo observar mais detalhes de como a música pode ser um canal integrador intra e interpessoal contribuindo a levar pessoas a expressarem sua fé.

Iniciaremos neste capítulo com uma abordagem histórica, na qual relatos falam das experiências musicais de um povo que se relaciona com seu Deus como seu criador e benfeitor. No Antigo Testamento encontramos, nos relatos da criação

⁴³ SHEDD, Russel P. *Sociedade Religiosa*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1987. p. 39.

do mundo, passagens sobre a aprovação estética de Deus à sua criação através da expressão “E viu Deus que era bom”.⁴⁴ Isso nos faz compreender que religião e arte estão juntas desde o princípio da humanidade. A relação entre Criador-criatura foi estabelecida pelo povo a partir de uma necessidade de ultrapassar para uma esfera diferente da natural cotidiana e que se deu, então, através de ofertas e cultos como uma forma de expressão.⁴⁵

Os gestos naturais, antes parte comum do comportamento humano, ganharam novos significados diante do divino, transformando-se em formas ritualizadas. “A arte é necessária para que o ser humano seja capaz de conhecer o mundo. Mas a arte é necessária em virtude da magia que lhe é inerente”.⁴⁶ Ficher corrobora este pensamento quando afirma que rito e a arte transformam pensamentos e objetos naturais em meios de expressão do mundo transcendente.⁴⁷

2.2 A MÚSICA NA BÍBLIA

Abordaremos aqui uma trajetória do povo de Deus e sua relação com a música iniciando com as narrativas do Antigo Testamento e em seguida como foram as experiências das primeiras comunidades relatadas a partir do Novo Testamento, nas quais nos deparamos com algumas formas de expressar-se musicalmente.

2.2.1 No Antigo Testamento

A música como arte tem seus valores, suas características, sua própria natureza. No Antigo Testamento, conforme Albrecht,⁴⁸ ela não perde sua natureza, mas é funcional, está atrelada a algum desempenho. Podemos observar que a música sacra e a música profana sempre existiram paralelamente em suas expressões, mas percorreram seus próprios caminhos, porém não há como fazer uma separação estilística clara das mesmas. Os instrumentos musicais utilizados talvez pudessem definir a trajetória de uma ou de outra dependendo onde e para

⁴⁴ Gn 1.10.

⁴⁵ FREDERICO, Denise Cordeiro de Souza. *Cantos para o culto cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

⁴⁶ FICHER, Ernest. *A necessidade da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p. 20.

⁴⁷ FICHER, 1977.

⁴⁸ ALBRECHT, Christoph. A música no culto. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich. *Manual de ciência litúrgica*. Vol. 3. São Leopoldo: Sinodal, p. 329-362. 2013. p. 332.

que foram utilizados. Em alguns percursos vem à tona uma compreensão mágica muito antiga da música como, no caso das “trombetas de Jericó” (Js6) , ou na narrativa bíblica de como Davi tocava harpa, curando a enfermidade de Saul (1 Sm 16). No canto, aqui destacando o canto dos salmos, observamos que através destes, diversos elementos da forma de sua execução passaram do culto do templo veterotestamentário para o culto sinagoga e também para o templo protocomunidade judaico-cristã. Eram dirigidos a Deus e tinham como finalidade principal a glorificação de Deus. Sem dúvida, um legado significativo para a igreja; uma arte prática como forma de expressão.

Nosso ponto de partida é o livro do Êxodo,⁴⁹ onde encontraremos descrições sobre a relação de Deus com seu povo e como estes se manifestam musicalmente em relação a esta divindade. E é com Jubal, descendente de Caim, que temos uma referência de musicista na pré-história do povo judeu, “[...] o antepassado de todos os que tocam harpa e flauta”.⁵⁰

Em relação aos cultos, encontramos no Livro de Gênesis referências que falam de Abraão, Isaque e Jacó, que construíram altares a Deus e o adoraram no local onde estavam. Eram pequenas cerimônias litúrgicas onde o menor gesto, considerado musical, consistia em “invocar o nome de Deus”, no qual o chefe da família exercia as funções sacerdotais.

É interessante ressaltar que os povos primitivos acreditavam na doutrina do ethos da música, que é a convicção de que a música pode ser capaz de provocar e de expressar certas emoções às quais os ouvintes respondem com atitudes fixas e previsíveis.⁵¹ Por isso, o modo de utilizar o discurso às divindades como uma declamação diferenciada das palavras e frases no discurso corriqueiro fazia parte desta transformação. Entre o povo judeu essa forma de expressão veio a ser conhecida como “cantinela”, uma técnica também conhecida e denominada algumas vezes de *salmodia*, ou *recitativo*⁵² e ainda de declamação. Se analisarmos musicalmente essa forma diferenciada entre a fala e o canto no AT vamos perceber que há uma concepção diferente ao que compreendemos hoje como melodia.

⁴⁹ ZIMMERLI, W. *Manual de Teologia del Antiguo Testamento*. Madri, Ediciones Cristandad, 1972. p. 26.

⁵⁰ Gn 4.21.

⁵¹ Os modos musicais, na Idade Média, conhecidos como eclesiásticos, possuíam essa característica.

⁵² Distinto do *recitativo* que será empregado no século XVII na música ocidental.

Podemos verificar também que os textos das escrituras eram cantados seguindo os modos indicativos do canto e variavam de acordo com a liturgia ou com o texto a que se referiam⁵³. A música utilizada para esta finalidade era de improviso. Era, por isso, imprescindível ao executante conhecer com proficiência as estruturas “melódicas” cabíveis no texto. O texto sempre conduzia o processo de execução de uma cantinela. Isso permitia e dava certa liberdade para uma possível ornamentação musical, lembrando que sua forma e seu fluxo estavam sempre subordinados ao texto, onde a palavra tem prioridade.

Frederico aponta que o canto judaico empregava sinais “efonéticos”, que são “acentos” pelo texto bíblico dos massoretas: sinais que indicam quando levantar e quando abaixar o tom da voz durante a leitura do texto bíblico. Estes sinais foram utilizados mais tarde para indicar a fluência da cantinela.⁵⁴

Conhecedores da lei consideravam que esse tipo de leitura modulada teve seu início com Esdras, na ocasião em que fora concluída a reconstrução do Templo e o povo se reuniu para a leitura do Pentateuco.⁵⁵ Também usavam um recurso, a “quironomia”, que era a arte utilizada pelo líder de gesticular com as mãos a fim de traduzir a altura dos sons e o ritmo para a pessoa que interpretava o discurso musical.

Importante observar as práticas das duas tradições musicais daquela época: a profética e a levítica. A profética caracteriza-se pelo êxtase e pela espontaneidade. A levítica é litúrgica, elaborada para profissionais, sem improvisações, há uma ordem a ser seguida por quem a executa.⁵⁶

Não há tantas informações talvez como desejássemos a respeito da música no AT, mas importantes são os exemplos retirados da vida das pessoas. O que se pode deduzir dos relatos bíblicos é que a preocupação divina gira em torno da conduta de quem está na liderança da execução musical.⁵⁷ O texto de Amós 5.21-24 nos traz a este entendimento quando o profeta narra a censura de Deus à artificialidade dos atos litúrgicos propostos por quem não está vivendo sob a retidão exigida por ele.

⁵³ LAMB, John Alexander. *The Psalms in Christian Worship*. Glasgow: Canterbury, 1962. p. 7.

⁵⁴ FREDERICO, 2001.

⁵⁵ FREDERICO, 2001.

⁵⁶ FREDERICO, 2001.

⁵⁷ FREDERICO, 2001.

Até então pouco se sabe no AT sobre o canto, além dos instrumentos usados e das indicações litúrgicas do uso da música. É na era da instituição do Templo por Davi e por seu sucessor Salomão que a música de Israel tem uma mudança significativa e só então o canto começou a desenvolver-se como foco do interesse musical. É nessa ocasião que homens recebem treinamentos para executarem suas habilidades musicais com toda a organização profissional que demandava. Nomes são selecionados e listados. Cantores e instrumentistas eram responsáveis pela música do Templo, num total de 04 mil executantes que seguiam um planejamento elaborado para atuar em todos os cultos ali realizados. Estes eram os levitas, responsáveis pela manutenção de uma tradição musical, habilitados com técnicas musicais para sua execução e segundo a compreensão do AT foram investidos por Deus nessa função.⁵⁸

O Livro dos Salmos, também chamado livro dos louvores⁵⁹, usado principalmente por estes levitas com habilidades musicais durante a liturgia hebraica, continha cantos e canções coletados ao longo dos séculos. No Templo, um salmo era destacado para cada culto diário e nas grandes celebrações um grupo de salmos ganhava destaque. Sobre as autorias dos salmos, as indicativas são para Davi, Salomão, aos filhos de Coré, a Asafe a Hemã, a Etã e a Moisés. Com o passar do tempo, o canto dos salmos, que era somente da responsabilidade dos levitas no culto do Templo, foi ampliada para uma participação mais ativa envolvendo a congregação resultando num canto responsorial com expressões e execuções de pequenas aclamações, até atingir o canto antifonal, com a repetição de refrões.⁶⁰

Frederico aponta em seus estudos que o conteúdo, a cultura e o local onde as canções eram cantadas como elementos-chave para a compreensão de toda a produção poético-musical de Israel.⁶¹

2.2.2 No Novo Testamento

Para os primeiros cristãos, judeus de origem, o hebraico e o aramaico serviam como línguas para sua comunicação. Frequentavam dois locais antigos do culto: o Templo em Jerusalém, local central do culto judaico que dava ênfase ao

⁵⁸ FREDERICO, 2001.

⁵⁹ GERSTENBERGER, Erhard S. *Psalms*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1988. p.16.

⁶⁰ FREDERICO, 2001.

⁶¹ FREDERICO, 2001.

sacrifício e se utilizava de uma organização ritualística, e as sinagogas, que com a expansão do cristianismo voltou-se principalmente para atender os gentios. Os cultos das sinagogas eram voltados mais para o ensino e a leitura das Escrituras cujos frequentadores eram pessoas mais simples que viviam fora de Jerusalém.⁶²

Os hinos e cânticos foram a ênfase da música, onde surge a hinódia, métrica através da poesia clássica de origem greco-romana. Percebe-se que há uma rejeição da música instrumental neste período dentro do culto da igreja primitiva devido ao uso profano dos instrumentos musicais.

O Novo Testamento nos mostra a mesma igreja que precisa voltar-se para fora, tem em sua estrutura a incumbência de ser enviada ao mundo, precisa ter consciência de que essas suas estruturas que a levam para tal são “mundanas” no sentido de tornarem reconhecível a inclinação para o mundo, conforme escreve Albrecht.⁶³ Uma tensão entre o amor a este mundo criado por Deus e a precaução em fazer parte deste mundo também se encontra no culto e na música destes primeiros cristãos.

Albrecht⁶⁴ recorre às palavras de Paulo em 1Co 3.22,23 para definir sua posição sobre algumas questões relacionadas à música do culto: “Tudo é vosso, e vós de Cristo”.⁶⁵ Em 1Co 6.12, “Todas as coisas são lícitas, mas nem todas convêm”⁶⁶, Paulo faz menção que o cristão é livre sobre todas as coisas, todas as formas musicais, todos os recursos estilísticos, todos os instrumentos para utilizá-los livremente. Mas como servo sujeito a Cristo e a todas as coisas é necessário examinar os espíritos, antes de lhes permitir entrada.⁶⁷

Quando Paulo afirma que a comunidade não é *do* mundo, mas se encontra *no* mundo, e que ela juntamente com suas formas de expressão, está vinculada às mudanças do tempo e ao contexto de sua cultura específica, esta idéia nos leva ao entendimento que as especificidades estão em todos os lugares em todos os momentos, e há de se concordar que os estilos de arte não tem validade global nem supratemporal.

⁶² ALBRECHT, 2013.

⁶³ ALBRECHT, 2013.

⁶⁴ ALBRECHT, 2013.

⁶⁵ 1Co 3.22,23.

⁶⁶ 1Co 6.12.

⁶⁷ ALBRECHT, 2013.

2.3 A MÚSICA NA COMPREENSÃO DE LUTERO

A forma como Lutero tratou e pensou a música no período da Reforma teve um impacto significativo que determinou não somente como a igreja entendeu o papel da música, mas principalmente em que medida e sob quais condições o uso da música foi permitido na vida das pessoas e na vida do culto.

Ele criou alguns padrões, ao que pode-se chamar de “paradigmas de louvor” conforme encontramos nos escritos de Schalk,⁶⁸ que ajudaram a formar seu entendimento sobre o papel da música no culto como também sobre a vida das pessoas. Com isso iniciou um movimento que acabou mudando o modo como a igreja a entendia e a praticava. Criou-se estes paradigmas com cinco compreensões centrais: música como criação e dádiva de Deus; música como proclamação e louvor; música como canto litúrgico; música como canção do sacerdócio geral de todos os crentes e música como um sinal de continuidade como a igreja una.

Quando Lutero considera a música como *criação e dádiva de Deus*, quer dizer que não a pensa somente como arte ou uma ciência; ele a elege como uma *criatura de Deus*. Para ele o paradigma fundamental para a música na vida da igreja é que a música é criação e dádiva de Deus e que foi dada à humanidade com a finalidade que é o louvor e a glorificação do Criador, por meio da proclamação de sua palavra.

Lutero compreendia a música no canto comunitário como parte funcional e própria do contexto da liturgia histórica. Preservou a música cantada e sua grande contribuição foi a restauração do canto comunitário.

Baseou-se nos ensinamentos já anunciados no Antigo testamento, com redefinição no Novo Testamento, através dos quais via a necessidade da participação ativa da comunidade no culto como consequência da doutrina do sacerdócio geral de todos os crentes. Na sua visão essa doutrina seria a força espiritual e o poder que perpassam todos os aspectos da vida cristã: uma conexão com a função da música e o culto como louvor e proclamação.

Importou-se pela continuidade com a prática da igreja una, fator significativo na configuração da música do povo de Deus. Não esqueceu o seu passado para suas práticas de culto e música nem nas questões litúrgicas, recuperou o culto dos

⁶⁸ SCHALK, 2006.

tempos antigos e manteve tudo aquilo que seria bom que permanecesse eliminando somente o que pelo seu entendimento conflitava com o evangelho.

Cabe aqui ressaltar que Lutero tinha um grande respeito e apreço pelo antigo, pela tradição da igreja, não abominando o canto medieval nem a música latina mas ousou em suas novas idéias, transformando-as para dentro da vida da igreja e que se tornaram referências para pensarmos sobre como nós usamos a música na igreja de hoje.

Enfatizou sobre a união de palavra e música com o objetivo de que Deus seja louvado e sua palavra proclamada a todo o mundo. Conforme Schalk, “[...] em seu escrito ‘Das Boas Obras’ (1520) deixou claro que, no que lhe dizia respeito, ‘depois da fé não podemos fazer obra maior do que louvar, pregar, cantar e de todos os modos enaltecer e exaltar a glória, a honra e o nome de Deus’”.⁶⁹ A poesia se faz muito presente na obra de Lutero. Ele introduziu inovações como o canto das palavras de instituição da eucaristia que não eram cantadas na missa latina, somente sussurradas. Também outras partes como o *Sanctus* receberam dele nova composição.⁷⁰

Seu envolvimento com os diversos setores da música com os quais tomou contato refletem que ele entendia a música como uma arte prática, de execução, que exercia influência na vida pessoal e na vida de adoração a Deus de cada cristão. Suas habilidades musicais, tanto no conhecimento da arte da composição quanto seus conhecimentos técnicos, levavam-no a valorizar também a música e os outros músicos de sua época, a envolver-se com questões litúrgicas e a preocupar-se com a educação musical principalmente com pastores e professores para que fossem preparados adequadamente.⁷¹

Se considerarmos que para Lutero a música era a viva voz do evangelho, uma dádiva de Deus para ser usada em toda sua plenitude no louvor e na oração cristã,⁷² podemos nos arriscar a dizer que a música, sob o ponto de vista de Lutero, procura ter sua expressão na espiritualidade ou tem na espiritualidade sua expressão.

⁶⁹ SCHALK, 2006, p. 49.

⁷⁰ LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, vol. 7, 2000. p. 477.

⁷¹ SCHALK, 2006, p. 38.

⁷² SCHALK, 2006, p. 38.

Seus hinos inicialmente publicados em folhas avulsas, mais tarde como um livro de cânticos, ou hinário, refletem a valorização sobre a questão da expressividade em sua performance quando insere nos cânticos a notação musical. Para ele as notas é que dão vida ao texto.⁷³ Isso também revela sua preocupação artística conectada com a mensagem.

Podemos considerar aqui, a partir do que foi tratado, e das características apontadas, que estética e conteúdo, ligados à performance, podem se transformar em expressão e ter sintonia com a espiritualidade.

2.4 CULTO E A MÚSICA

Falar sobre a música no culto requer a princípio algumas considerações sobre o próprio culto cristão. Seguem algumas questões relativas à sua concepção enquanto elemento que conduz uma comunidade.

2.4.1 O culto cristão

O culto cristão, uma prática presente em diferentes culturas e ao longo da história, utiliza em geral formas estáveis e permanentes. Essas formas podem ser consideradas como estruturas ou ofícios, que seria um calendário que serve para organizar o culto no período de um ano ou por exemplo a Santa Ceia. Relacionar estas estruturas e ofícios seria uma forma de descrever o culto cristão.

As comunidades cristãs são reconhecidas por se constituírem em suas próprias características. Em seus ritos o mais conhecido é o batismo juntamente com a catequese, a confirmação, a primeira comunhão e várias formas de renovação deste processo ritual. A “ceia do Senhor” é celebrada desde os tempos da comunidade primitiva e é para muitos cristãos o melhor exemplo de celebração. Ainda podemos elencar aqui ritos pastorais comuns, alguns que marcam etapas na jornada da vida como ofícios de perdão e reconciliação, de cura e benção. Outros são considerados ritos de passagem como casamentos, ordenações, profissão religiosa ou funerais. Outras possibilidades que não aparecem dentro do um culto cristão mas que podem ser acrescentados como elementos que fazem parte são os

⁷³ LUTERO, 2000, p. 480.

diversos encontros para oração, concertos sacros, reavivamentos, novenas e uma ampla gama de devoções.⁷⁴

Tratar o culto cristão como um “mistério pascal” é uma forma mais recente de descrevê-lo. As raízes deste termo são antigas, porém sua popularidade se deve aos escritos de Odo Casel, O.S.B., monge beneditino alemão falecido em 1948. O mistério pascal é o Cristo ressurreto presente e ativo em nosso culto. Pode-se considerar o mistério pascal como a comunidade cristã compartilhando os atos redentores de Cristo ao celebrar o culto.⁷⁵

Shedd⁷⁶ apresenta alguns modelos de culto, que surgiram através dos séculos de tradição ou então por novas reações contrárias ao formalismo herdado do passado ou importado de outras terras. Estes têm em comum expressões de adoração que não são necessariamente mensuradas pela espiritualidade do adorador.

Algumas formas de cultos: o culto carismático caracteriza-se por manifestações emocionais, sonoras e visíveis. O culto didático pedagógico concentra a atenção dos participantes na centralidade da Palavra de Deus. O culto eucarístico valoriza o culto por meio da Ceia do Senhor. O culto *Kerugmático*, (do vocábulo grego *kerugma*, que significa proclamação), focaliza a atenção sobre a evangelização. O culto *diakonal* onde Deus é visto somente no irmão necessitado sem a preocupação se ele realmente é membro da família do Senhor. Estas diversas formas de culto cristão trazem nas suas diferentes dinâmicas expressões da graciosa autodoação de Deus às pessoas.⁷⁷

Basden,⁷⁸ pastor da igreja Batista do Brookwood, Birmingham, Alabama, EUA, professor nas áreas de adoração, teologia pastoral e escatologia, relaciona alguns estilos de culto que talvez possam nos ajudar a observar novas tendências e avaliar sobre as ações do louvor, a adoração que ele diria “em espírito e em verdade”.

⁷⁴ WHITE, James F. *Introdução ao culto cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997. p. 12-13.

⁷⁵ WHITE, 1997.

⁷⁶ SHEDD, 1987, p. 8-11.

⁷⁷ SHEDD, Russell P. *Adoração Bíblica: os fundamentos da verdadeira adoração*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2007.

⁷⁸ BASDEN, Paul. *Estilos de louvor*. Descubra a melhor forma de culto para a sua igreja. São Paulo: Mundo Cristão, 1999. p. 45-100.

Iniciando pelo Culto Litúrgico, considerado o mais tradicional destas cinco formas apresentadas por Basden, busca recuperar a mais antiga herança com raízes no solo dos patriarcas da igreja e da era medieval. Neste estilo há um equilíbrio entre a contemplação e a majestade e valorização da reverência. É um culto bem planejado e completamente estruturado. Tem na música, o ministro de música, o organista ou o regente do coro que conduzem a comunidade com hinos selecionados do hinário. Normalmente são hinos tradicionais de adoração a Deus, a vida da igreja e as atividades do discipulado. A leitura das Sagradas Escrituras tem lugar privilegiado, uma do Antigo Testamento outra do Novo Testamento. Alguns salmos também são lidos em diversos pontos do culto. A confissão de pecados é feita por meio de leituras, coletivamente. O ofertório é o recolhimento das ofertas e são acompanhadas geralmente de músicas instrumentais grandiosas. O sermão normalmente se orienta a partir de um calendário litúrgico. Sua abordagem é mais intelectual do que emocional e tem um apelo mais social que evangelístico. Os sacramentos e ordenanças são celebrados com frequência.⁷⁹

Basden apresenta o Culto Tradicional como menos formal que o estilo litúrgico, mas também possui uma ordem planejada e estruturada. O principal propósito deste estilo é levar a congregação a agradecer a Deus por sua bondade e a ouvir Deus falar pela sua Palavra. O principal modelo bíblico dá a entender que se baseia nas cartas de Efésios e Colossenses onde se enfatiza os ensinamentos de Cristo e o canto congregacional. A música é liderada pelo ministro de música e a congregação canta alguns hinos. Os hinos de adoração ganharam importância porque destacam a transcendência e a imanência de Deus e exaltam sua grandeza e sua bondade. A leitura bíblica normalmente é lida uma vez e pode ser responsiva ou feita pelo dirigente. As ofertas são recolhidas antes do sermão, ou antes da música especial que antecede o sermão. O sermão do/a pastor/a baseia-se em uma passagem bíblica específica. Pode estar relacionada ao calendário litúrgico ou ao calendário cívico ou ainda com um plano pessoal de pregação. A mensagem pode ser expositiva ou temática. As ordenanças são celebradas semanalmente, mensalmente, trimestralmente conforme cada tradição.⁸⁰

⁷⁹ BASDEN, 1999.

⁸⁰ BASDEN, 1999.

Sobre o Culto Avivado atual, considera Basden, que este se espelha nos modelos que se desenvolveram nas novas fronteiras dos Estados Unidos no início do século XIX. Sua característica é a informalidade, exuberância, entusiasmo e pregação agressiva. Esse estilo busca levar o pecador perdido ao Deus da misericórdia. Causa impacto direto nas emoções permitindo às pessoas poderem “sentir” a presença de Deus durante os momentos de adoração. Seu propósito é evangelístico, alcançar o maior número possível de incrédulos com as boas novas de Cristo. O modelo bíblico para este estilo de culto é conforme o relato de Atos 2, a pregação de Pedro na festa de Pentecostes. O canto congregacional assume uma posição de grande importância, vai estimular as emoções e preparar o coração para o que será pregado. Na grande maioria são canções contemporâneas, composta de *gospel hymns*. A subida do/a pastor/a ao púlpito é considerada o momento especial do culto. As Escrituras são lidas durante o sermão e as ofertas são recolhidas mais ou menos no meio do culto, acompanhadas por alguma música. O batismo é realizado com frequência, mas a Ceia do Senhor tem pouca importância.⁸¹

Sobre o Culto Louvor & Adoração, diz Basden que é identificado de modo não correto. Muitos o denominam de “pentecostal”. Caracteriza-se por um culto vivo, informal e com muito som, onde a congregação busca ativamente a presença imediata de Deus. Tendências carismáticas estão presentes e necessitam envolver-se com o corpo inteiro: bater palmas, levantar as mãos, mover-se ao ritmo da música. Seu propósito é levar a congregação a oferecer um sacrifício de louvor ao Senhor através de um clima alegre de adoração. A passagem bíblica na qual se inspira é o Salmo 150. Nem todos os cultos deste estilo são carismáticos ou pentecostais. Muitos só se utilizam dos estilos musicais mais contemporâneos com a intenção de adorar a Deus numa linguagem do adorador jovem de nossos dias. Estes cultos são vivos, dinâmicos e cheios de energia. A música define o clima do culto. Seqüências de músicas são cantadas pela congregação, encadeadas, repetindo as estrofes várias vezes. O acompanhamento musical em geral tem piano, órgão eletrônico e sintetizadores digitais. Bandas com guitarras e bateriam também fazem parte. A leitura das Escrituras Sagradas tem seu lugar mesmo em meio ao não favorecimento à mesma. As ofertas são recolhidas no meio ou ao final do culto. O sermão geralmente inicia com a leitura de uma passagem bíblica e então muda

⁸¹ BASDEN, 1999.

seu enfoque desafiando a congregação a viver uma “vida cristã vitoriosa”, através da praxeia do Senhor tica dos dons de maravilhas. A Ceia do Senhor pode ser celebrada trimestralmente, mensalmente ou semanalmente, dependendo da congregação a que pertencem. Após a mensagem há o apelo que desafia os cristãos a renovarem o compromisso de submissão de sua vida ao senhorio de Jesus Cristo, expressa pela obediência diária.⁸²

Como último desta série apresentada, está o Culto Facilitador, um estilo que surgiu como algo novo nos cultos de domingos de manhã nos Estados Unidos. Destacou-se no final da década de 80 através de um pastor no subúrbio de Chicago que resolveu divulgá-lo ensinando outros pastores a fazerem o mesmo. Teve boa receptividade entre os cristãos mais jovens. É um culto evangelístico, breve e alegre, criado especialmente para os “interessados”, ou seja, não cristãos que estão procurando Deus. Não é um culto de adoração feito para cristãos, seu propósito é apresentar e explicar o Evangelho aos não cristãos numa linguagem não-religiosa. A passagem de Atos 17:16-34 é o modelo bíblico que inspira e orienta este modelo de culto. Há pouca música cantada por estas pessoas que ali vão chegando pois ainda não conhecem as canções e seus conteúdos talvez ainda não lhe são compreensíveis. Por isso, a música é executada pelos grupos de louvor, ou por vocalistas que cantam canções mais contemporâneas. Há um clima de show num teatro. As leituras bíblicas sempre são acompanhadas de explicação do contexto da passagem. Pode haver apresentações teatrais bem elaboradas para introduzir o sermão onde em seguida o ministro aborda coisas da vida moderna da perspectiva cristã. A oferta não é recolhida em todos os cultos e não se costuma fazer apelo em todos os cultos. Nesses cultos também não são celebrados batismos nem a Ceia do Senhor.⁸³

⁸² BASDEN, 1999.

⁸³ BASDEN, 1999.

Nelson Kirst,⁸⁴ teólogo e pastor luterano, refere-se ao culto com uma pequena história buscando nela elementos para compreendê-lo. Usa a figura do rancho na roça fazendo uma analogia e descreve assim a respeito do culto cristão. Inicia contando que para os agricultores que seguem ao trabalho em suas terras a alguns quilômetros de onde moram, o rancho tem um significado peculiar. A caminho, de carroça, com enxadas, foices, facão, arado e o cesto com o lanche, chegam ao local, iniciam seu trabalho dividindo suas tarefas. Labutam por algumas horas e então se recolhem para um descanso. O rancho, uma pequena construção, simples, em meio aquela roça serve de aconchego para aquela a família que seguiu para o trabalho. Eles se recolhem para descansar o corpo e fortalecem-se com pão e a agra fresca. A conversa faz parte deste momento e após meia horinha retornam à sua jornada. “A família vai da enxada para o rancho e sai fortalecida do ranço para a enxada.” Uma não faz sentido sem a outra.

O culto é o rancho na roça da comunidade cristã,⁸⁵ o culto é o encontro de Deus com sua comunidade. O culto tem uma relação com cada um destes elementos relacionados nas manifestações da roça dentro da comunidade cristã assim como também a educação cristã, a diaconia, a missão, o aconselhamento pastoral, a edificação de comunidade. O culto cristão não faz sentido sem esse trabalho na roça. Portanto, todo o trabalho precisa ser realimentado e reorientado no encontro com Deus no culto assim como toda e qualquer atividade da comunidade cristã que não brote do encontro com Deus no culto ou que não caminha para este encontro não tem a importância devida.

⁸⁴ KIRST, Nelson. Liturgia. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina: Evangelho, missão e culturas: o desafio do século 21*. São Paulo: ASTE, 1998. p. 119-142.

⁸⁵ KIRST, 1998, p. 119.

O que acontece no rancho, naquele pouco tempo de descanso, presume uma sequência ordenada de elementos e formas como a disposição dos lugares dos objetos, onde as pessoas sentarão, a hora determinada, o cesto de comida, a mão que distribui e a mão que recebe, os gestos, as fórmulas faladas, as histórias contadas, as instruções compartilhadas, os olhares expressivos, os símbolos e seus significados. Estes elementos e formas ilustrados⁸⁶, é um conjunto de elementos e formas: espaços, lugares, tempos, objetos, funções, gestos, fórmulas, histórias, instruções, olhares, símbolos e significados que se utiliza na liturgia, através dos quais se realiza o encontro de Deus com sua comunidade.

Poderíamos nos estender com outros subsídios pertinentes ao culto cristão, elencando os pilares que sustentam a teoria e a prática da liturgia tarefa essa da ciência litúrgica. Creio que para o momento temos neste capítulo referências suficientes em relação ao culto cristão para dialogar com as outras áreas e dimensões deste trabalho.

Aqui não estamos avaliando as formas de culto, apenas relacionando-as e para termos registrados algumas dimensões sobre o que é e como cultivar. A partir desta gama de pareceres apresentados iremos agora para uma compreensão juntando à prática, a vivência e a função que tem a música dentro deste contexto.

2.4.2 A música do culto cristão

Deus nos quer como verdadeiros adoradores, por nos amar profundamente (1 Jo 4. 8-16). Quer que o amemos com todos os sentidos. Celebrar um culto, participar de um culto pede de nós em primeira análise uma aproximação dEle em amor. Ordenar, definir e fundamentar sistematicamente a música do culto é algo complexo e várias tentativas já se mostraram insuficientes neste contexto. Cabe aqui refletir sobre alguns aspectos sem criar expectativas de laborar um sistema coeso.

⁸⁶ KIRST, 1998, p. 119.

No culto, as pessoas que se reúnem têm os mais variados gostos musicais, diferentes graus de desenvolvimento musical, aquelas que gostam de música, as que não gostam de música e as que se interessam por música e as que não se importam. Esclarecer e levar às pessoas a ter afinidade e identidade com a música da igreja terá que ter em primeiro lugar a intenção de apontar caminhos para Cristo. Músicos como Bach, incluindo aqui Lutero e Wesley e outros também, contribuíram para que sua música apontasse para caminhos onde ela fosse despertada para a expressão não deles próprios, mas para os caminhos que levam a Cristo.

Uma pergunta que se fez ao longo da história da igreja é referente aos critérios para um estilo especial que se estabelece para a música do culto. Se há diferença entre músicas do culto e “do mundo”, entre música sacra e profana, visto que sempre caminharam paralelamente.

Albrecht⁸⁷ nos esclarece sobre a origem da palavra profano “*pro-fanus*”, que seria aquilo que se encontra fora do santuário. É o não consagrado, mas que pode ser consagrado caso não haja um impedimento em especial. A palavra “sacro,” ele considera tudo aquilo que foi incorporado ao âmbito do santuário, à ação sagrada. Quando se refere a mundano a princípio não quer dizer anti-sacro, mas sim o que não é sacro.

Uma abordagem interessante é quando se olha para o Novo Testamento, algo até meio contraditório. Na igreja primitiva há uma inclinação amorosa ao mundo, mas também há uma orientação para as pessoas precaverem-se do mundo. A música e o culto também se encontram nessa tensão. Uma igreja missionária que é enviada ao mundo tem que se dar conta de que suas estruturas também são “mundanas” no sentido de se tornarem reconhecível a inclinação para o mundo. Para tal envolvimento é necessário que simultaneamente se canalize a mensagem cristã, todas as expressões de vida da igreja tenham formas condizentes com o conteúdo. À palavra de envio “ide para as encruzilhadas dos caminhos” acrescenta-se o *cogite intrare*. Se espera que as pessoas convidadas usem a “veste nupcial” (Mt 22). Podem vir como são, mas não podem ficar como vieram.⁸⁸

Para definir sua própria posição, Albrecht recorre a duas palavras de Paulo: “tudo é vosso, e vós de Cristo” (1Co 3.22,23) e “todas as coisas são lícitas, mas nem todas convêm” (1Co 6.12). Referindo-se à música do culto, Albrecht diz que como

⁸⁷ ALBRECHT, 2013, p. 352.

⁸⁸ ALBRECHT, 2013, p. 352

cristão, “sou um senhor livre sobre todas as coisas”.⁸⁹ Que as formas musicais, os recursos estilísticos, os instrumentos estão à disposição para que sejam usados livremente. Mas aquele fará o serviço a Cristo, à comunidade, e fará uso de todas as coisas, antes de utilizá-las, cabe analisá-las e avaliar o que é conveniente para este serviço.⁹⁰

Quando nos referimos a comunidades, entende-se aqui que elas não são *do* mundo, mas se encontram *no* mundo e com isso contemplam suas formas de expressão e estão presas a mudanças do tempo e ao contexto de sua própria cultura. Por isso poderíamos afirmar que estilos artísticos podem ser repetidos, estão à disposição no mundo inteiro através dos meios de comunicação, podem ser compartilhados, podemos fazer releituras, mas a especificidade de cada grupo ou comunidade pertence a cada lugar ao qual pertencem e aqui também se incluem as formas de cantar e expressar a arte sacra.

Já foi dito que a música cristã evolui juntamente com a música em geral e isso faz sentido, porém como ela é funcional ela seleciona dentre os elementos musicais aquilo que mais se tornar conveniente à sua incumbência. No decorrer da História vários estilos musicais, formas musicais, e interpretações foram utilizados. Hoje inovamos, mas não perdemos o foco daquilo que nos traz valor artístico, teológico e ético. Um bom repertório musical na igreja, leva em consideração tanto o antigo como o novo, estilos, formas, arranjos, o maior cuidado, porém, terá que ser em relação à capacidade de compreensão musical dos que dele vão usufruir. É necessário ter elementos trabalhados para esta compreensão, mesmo que bem elementares, por isso, nos chama a atenção a importância que Lutero⁹¹ deu à educação musical na igreja, principalmente para pastores e professores. Estavam incumbidos de serem bem instruídos musicalmente para corresponder à responsabilidade de suas lideranças.

Se tivermos pessoas capacitadas para conduzir a música na igreja, se a música está a serviço do anúncio, se existem elementos trabalhados para a compreensão deste serviço vamos estar menos preocupados com questões estéticas e mais voltados e envolvidos com questões centrais da ética cristã a

⁸⁹ ALBRECHT, 2013, p. 352.

⁹⁰ ALBRECHT, 2013, p. 352.

⁹¹ SCHALK, 2006, p. 37.

mensagem e para a ação conservando o que é bom em comprometimento com a Palavra.

2.5 O CANTO EXERCITADO PELO POVO DE DEUS

“Animem uns aos outros com salmos, hinos e canções espirituais. Cantem, de todo o coração, hinos e salmos ao Senhor”
Efésios 5.9

“Rendei graças e louvor ao Senhor, pois grande é a sua benignidade, e a sua graça e a sua bondade duram de eternidade a eternidade. Tu, povo de Deus, deves anunciar: grande é a misericórdia do Senhor, ele próprio quer se aliar a nós e nos carregar no decorrer dos tempo”,⁹² diz nas Senhas Diárias, baseado em Ambrosius Lobwasser.

O canto na igreja pode e deve estar a serviço, primeiramente, da gratidão pelas oportunidades que Deus nos concedeu, em especial o caminho da vida de fé na comunidade. Este canto e este serviço, conforme Hofmann,⁹³ deve trazer consigo a alegria. A alegria de que Deus fala às pessoas através do Evangelho, da “Boa Nova” do seu amor que em Jesus se firmou. Esta “Boa Nova” leva ao rumo da alegria final, da eternidade. As Sagradas Escrituras falam desta “alegria”, que não se refere somente à grande alegria anunciada no nascimento de Jesus como encontramos em Lc 2, mas que abrange todas as áreas da vida do cristão e da Igreja Cristã.

Como, então, uma comunidade cristã poderia deixar de falar e cantar esta “Boa Nova”, quando ela a reconhece para sua vida? Firmar e afirmar esta alegria, além de ser uma necessidade, pois é nela que será exercitada.

A música da igreja e na igreja, mais especificamente o canto, é própria para reconhecer e expressar esta alegria da “Boa Nova” em sua vida. Alegria e canto se pertencem. Por isso o culto cristão pode ser celebrativo, ter seriedade, ser profundo, mas tem na alegria o seu lugar.⁹⁴

⁹² SENHAS DIÁRIAS. São Leopoldo: Sinodal, 2016.

⁹³ HOFMANN, Friedrich. *Die Gemeinde lernt singen: Grundsatzliches und Praktisches zum Gemeindesingen*. Kassel: Baerenreiter Verlag, 1957. p. 9-10.

⁹⁴ HOFMANN, 1957, p. 14

Para que tudo isto flua é necessário dizer que o canto comunitário tem aqui a tarefa vital e uma grande missão: deve ser bem conduzido para proporcionar uma boa execução e permitir uma boa fluência na sua expressividade.⁹⁵

No Antigo Testamento os músicos que atuavam no ministério da música eram escolhidos (1 Cr 15.16-19), eram consagrados e separados como nos é relatado em Nm 8.5-14. Eram obreiros de tempo integral (1 Cr 16.37), pagos pelo seu trabalho (Nm 18.21) e usavam paramentos (1 Cr 15.27). Verifica-se que este trabalho era destinado aos levitas, que eram capacitados e consagrados. Eram altamente respeitados entre seus irmãos e ser músico escolhido era um alto privilégio.

Conforme McCommon,⁹⁶ os levitas eram preparados e se tornavam capacitados para exercer sua profissão. Enfatizavam o processo de ensino aprendizagem de forma contínua para que a música nunca fosse relegada a um plano inferior. Dedicavam-se exclusivamente à arte musical e o sustento vinha através do povo com seus dízimos, assim como também os outros que possuíam alguma liderança no culto. Eles dispunham-se a aceitar os sacrifícios que acompanhavam a consagração da vida e dos talentos de maneira que os cultos pudessem ser inspirados e cheios do Espírito. Supõe-se que o sucesso dos programas musicais nos tempos bíblicos do Antigo Testamento pode estar em grande parte no caráter dos músicos, no seu preparo espiritual, nas suas habilidades e nos altos padrões estabelecidos para todos os músicos que se apresentassem no culto.

Percebemos aqui a música como arte. Para que seja bem conduzida faz-se necessária a utilização dos seus elementos estéticos. Dentro de um contexto comunitário, além de sua beleza estética, ela tem também uma característica funcional. Ela está a serviço e é um meio de expressão. A arte e a estética sempre estiveram presentes nos elaborados templos e tabernáculos no antigo testamento, mas nunca deixaram de cumprir seu papel.

Por outro lado, no Novo Testamento encontramos várias referências onde se percebe claramente o papel da música, como em Cl 3.16: “Que a mensagem de Cristo, com toda a sua riqueza, viva no coração de vocês. Ensinem e instruem uns aos outros com toda a sabedoria. Cantem salmos, hinos e canções sagradas; louvem a Deus com corações agradecidos”.

⁹⁵ HOFMANN, 1957.

⁹⁶ McCOMMON, Paul. *A música na Bíblia*. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

Segundo Albrecht⁹⁷, no Novo Testamento as pessoas despertam para uma valorização de amor ao mundo, mas recebem também a orientação para se precaverem do mundo. A música e o culto também se encontram nessa tensão.

Os textos relacionados aos cantos no Novo Testamento, conforme Frederico,⁹⁸ são classificados por Edward Foley assim: breves fórmulas de louvor, fragmentos e exclamações, cânticos de infância, hinos a Deus, hinos cristológicos, salmos, leituras e orações. Nas breves fórmulas de louvor que se encontram nos escritos cristãos temos a doxologia, a eulogia e as ações de graça. Deichgräber diferenciou vinte passagens neotestamentárias com expressões doxológicas, por ele entendidas como equivalentes à expressão “a ele seja dada glória pelos séculos dos séculos”.⁹⁹ Foi através da doxologia que a nova igreja introduziu os novos temas, acrescentando-lhes as doutrinas cristológicas e trinitárias. A *eulogia* se encontra em sete passagens do Novo Testamento e pode ser considerada a benção do Antigo Testamento. As fórmulas de ações de graça são as que lemos nos escritos de Paulo, cujo padrão é ter uma proclamação de gratidão seguida do motivo pelo qual ela é feita.

Exclamações e fragmentos referem-se às expressões espontâneas do povo que se congregava, por exemplo: *amém, amém, aleluia*. Os cânticos de infância são registrados no Evangelho de Lucas, como o *Magnificad* (1.46-55). Os hinos a Deus diferem dos fragmentos de louvor por sua extensão maior e dos cristológicos pela referência indireta a Cristo. Considera-se que os hinos cristológicos foram uma das grandes contribuições feitas pelos gentios convertidos, influenciados pelo pensamento do mundo helênico, que viam em Jesus Cristo o redentor descido do céu e ascendido a ele. A salmodia foi o grande legado da Sinagoga para o cristianismo judaico, e dali para a igreja gentia.¹⁰⁰

Os hinos do Novo Testamento foram classificados pelo historiador Patrick em duas categorias: os doutrinários ou litúrgicos e os doxológicos retirados do Livro do Apocalipse. Os cantos de natureza doutrinária se fizeram necessários pelo fato de que grande parte dos frequentadores das primeiras congregações cristãs não era de gente letrada. Imprescindível para esta nova fé era expressar os credos e as

⁹⁷ ALBRECHT, 2013, p. 333.

⁹⁸ FREDERICO, 2001, p. 86.

⁹⁹ DEICHGRÄBER Reinhard, *Gotteshymnus und Christushymnus inder frühen Christenheit*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1967. p. 25.

¹⁰⁰ FREDERICO, 2001, p. 86

fórmulas fixas nas reuniões coletivas e nas devoções particulares para ajudá-los na memorização dos conteúdos facilitando assim a confirmação de sua fé.¹⁰¹

O latim passou a ser a língua falada entre os cristãos e aceita tanto no Oriente quando no Ocidente. Do latim clássico, específico de uma elite, passou a ganhar espaço entre o povo um novo latim, mais flexível e menos literário.

A sinagoga e o Templo ainda faziam parte do local onde os judeus convertidos se reuniam, mas paralelamente a isso um novo local dava espaço ao culto cristão: eram as casas principalmente dos gentios convertidos ao cristianismo que se abriam para isso originando um encontro mais informal. A ênfase de dava nas orações e no partir do pão. Este novo ambiente permitiu uma aprovação de expressões mais livres e espontâneas que deram início a um canto com estas mesmas características de liberdade. Norman Perrin e Dennis C. Duling¹⁰² analisando o NT como tradição e tradição reinterpretada, destacaram o aspecto dinâmico desse início do cristianismo, como cristãos que davam um novo significado à luz de suas experiências e das expectativas que estavam desenvolvendo.

A música, o canto desse povo que vinha transformando sua forma de celebrar, o culto também haveria de se adequar às novas exigências contextuais. Como seria executada esta música? Como expressariam o novo conteúdo temático?

Um novo canto teve que ser achado para dar uma expressão adequada a estas novas experiências. Conforme Frederico, “não existe nunca um novo nascimento do espírito que não seja seguido de uma grande explosão do canto.”¹⁰³ Os cantos passaram a ser mais descompromissados com a tradição dos Salmos e com isso modificaram-se também os conteúdos dos cantos. A tradição foi reinterpretada, porque se passou a introduzir nos salmos e nas cantinelas do AT que eram cantados segundo os parâmetros da tradição judaica, os novos temas cristológicos. Os conteúdos sobre a vida, a morte e a ressurreição de Cristo agora teriam que ser incluídos nas novas composições e adaptados nas antigas. Os hinos, segundo Foley, seriam “hinos a Deus” e os “hinos cristológicos”, com métrica irregular, construídos a partir do modelo dos salmos davídicos.¹⁰⁴

¹⁰¹ FREDERICO, 2001, p. 88-89.

¹⁰² PERRIN, Norman, DULING, Dennis C. *The New Testament, an Introduction: Proclamation and Parenthesis, Myth and History*. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1982. p. 6063.

¹⁰³ FREDERICO, 2001, p. 93

¹⁰⁴ FOLEY, Edward. *Foundations of Christian Music: The Music of Pre-Constantinian Christianity*. Collegeville: Liturgical, 1996. p 97.

Neste momento da história enquanto o judaísmo disponibilizava os modelos para o desenvolvimento da hinódia salmódica, o cristianismo que acabava de nascer se valia da poesia clássica do mundo Greco-romano, um modelo que levava ao aparecimento da hinódia métrica. Percebe-se que neste novo momento, nesta nova forma de prática de culto, onde a ênfase estava na exposição da Palavra, os instrumentos musicais foram deixados de lado para dar lugar a música vocal. A música vocal neste período foi mais importante do que a instrumental embora isso parecesse um retrocesso no culto cristão, pelo zelo com os novos convertidos de afastá-los de quaisquer práticas do mundo pagão. Os únicos registros do Novo Testamento sobre instrumentos musicais encontram-se em Apocalipse. Na sua narrativa em Ap 5.8-9, João fala de um “novo cântico”, acompanhado pela cítara. A cítara representava “a comunhão das almas” e era aceita junto com a lira nas reuniões de “ágape” das primeiras comunidades cristãs.¹⁰⁵

Para o pesquisador Johannes Quasten¹⁰⁶ essas alusões do Livro de Apocalipse são prova de que os instrumentos eram usados no primeiro século do cristianismo. Considera que teoria e prática nem sempre andam juntas e sua opinião é de que mesmo que proibidos eles eram utilizados.

Os hinos e cânticos estavam presentes nesta contemporaneidade musical como cantos que foram “cristianizados”, como citados no Evangelho de Lucas e em alguns trechos de algumas epístolas. Também ainda como hinos podem ser considerados os cantos em que os cristãos podiam proclamar sua fé, os denominados “doutrinários”, alguns escritos na forma de poemas métricos, por influência grega, com estrofes e versos, o que permitia que fossem cantados sempre da mesma forma como a primeira estrofe era apresentada.

Os cantos de caráter espontâneo são os *cânticos espirituais*, surgidos em momentos de culto espontâneo no poder do Espírito Santo de Deus, que seriam da “tradição profética” conforme Ef 5.19, quando o apóstolo Paulo diz: “Falando entre vós em salmos e hinos, e cânticos espirituais; cantando, salmodiando ao Senhor no vosso coração”.

Seguindo para a Idade Média, Lutero vê no canto ou no ato de cantar uma consequência natural da fé. Considera a música como dádiva de Deus. Conforme

¹⁰⁵ FREDERICO, 2001, p. 94.

¹⁰⁶ QUASTEN, Johannes. *Music and Worship in Pagan and Christian Antiquity*. Washington D.C.: National Association of Pastoral Musicians, 1983. p. 72-75.

Albrecht,¹⁰⁷ Lutero vislumbrava a reativação da comunidade através do canto eclesial e como reformador levava a sério o sacerdócio geral de todos os crentes através do canto comunitário. Considerava o culto uma atividade corporativa e comunitária e, portanto, uma expressão da comunidade de fé que podia ser demonstrada no canto comunitário.

Aqui cabe ressaltar que a ação musical comunitária de um culto está inserida dentro de uma ação litúrgica onde ela compreende a experiência da comunidade como Corpo de Cristo e não a experiência individualizada de um artista ou líder.¹⁰⁸

O canto recebeu uma valorização litúrgica especial ao assumir o lugar de elementos do *proprium* e do *ordinarium* e Lutero com isso estava preparando o terreno para uma grande variedade do canto comunitário. Não abominou o canto medieval nem a música latina, foi conservador em relação à tradição musical, mas valorizou a música contemporânea. Em muitas oportunidades faz referência a músicos contemporâneos seus. Cresceu cercado de música, provavelmente cantando hinos dos mineiros¹⁰⁹, sendo que seu hino *Mitten wir im Leben sind Von dem Tod umfassen* (em meio à vida, estamos envoltos pela morte), reproduz sons e tons desse contexto. Estudou na escola de Mansfeld onde recebeu influência musical, cantou em coros e continuou seus estudos musicais na Universidade de Erfurt.

A poesia também está bem presente na obra de Lutero. Descobriu sua capacidade poética aos 40 anos. Sua maior produção hinológica acontece em 1524, e levantou um chamado para que poetas auxiliassem na composição de salmos em língua alemã para o povo.

Lutero acreditava no poder da música e escreveu muitos hinos baseados em histórias e passagens bíblicas, inspirado em sua própria meditação sobre a escritura. Escreveu esses textos em alemão, língua do povo comum. Queria que as palavras de fé viessem nos lábios e nos corações das pessoas. Introduziu no culto dominical o canto da Palavra pelo povo.¹¹⁰

¹⁰⁷ ALBRECHT, 2013, p. 336-337.

¹⁰⁸ EWALD, 2010.

¹⁰⁹ PREUSS, Hans. *Martin Luther Der Künstler*. Gütersloh: Bertelsmann, 1931. p. 98.

¹¹⁰ FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Orar a palavra*. Departamento de Teologia e Estudos. Seção para Culto e Vida Comunitária. São Paulo: Federação Luterana Mundial, junho 2003, p.35. Está confuso!

2.6 O CANTO COMUNITÁRIO

Considerando as reflexões elencadas neste capítulo sobre o canto, sua prática, seu exercício dentro da espiritualidade, vale dizer que este vai além da compreensão musical. Esta forma de expressão em suas variadas execuções compreende suas evidências na história sagrada, na história da salvação: Cristo se fez homem, Cristo cumpriu sua tarefa aqui na terra, Cristo morreu e ressuscitou e ele subiu aos céus. Por isso Ele é Senhor soberano e cuida das pessoas todos os dias até o final dos tempos. Por isso uma comunidade alegra-se e corresponde a esta alegria desta “Boa Nova” em sua forma de expressar e de executar seus cânticos.

Hofmann¹¹¹ continua dizendo que o canto então pode ser de alegria, de felicidade e de gratidão, pois tem o objetivo de dizer através deste as coisas boas que o Senhor tem feito pelas pessoas. E se assim uma comunidade o deseja e tem como foco em seu trabalho servi-lo dessa forma, o canto também será conduzido assim.

Pessoas que cantam o mesmo “tom”, a mesma Palavra, o mesmo ritmo dentro deste mundo que tanto necessita de amor, sentirão pulsar no sangue a vida de sua comunidade. Lutero disse que este “canto alegre que ecoa como de uma força da luz quente numa noite fria [...] que outros também ouçam para virem se juntar”.¹¹² Assim como Paulo e Silas cantaram na prisão, como lemos em Atos 16, a terra tremeu, as correntes se arrebataram e este cântico ecoou e tocou pessoas e a vida do carcereiro foi transformada este canto tem a força de juntar, de transpirar, de vivificar e de transformar.

Eberle¹¹³ lembra ainda que o canto é identitário, ele é parte de nós mesmos, da vida, daquilo que somos. Afirma que nossa voz é parte indissolúvel de nós mesmos e é ela que nos dá a conhecer o mundo e através dela somos reconhecidos. Refere-se ao cantar como uma ação, que é fala, carrega palavras, carrega o *logos*, o Verbo, e diz também que esta é uma prática que leva ao outro e que oportuniza um exercício em liberar nossa energia interna para o mundo externo.

¹¹¹ HOFMANN, 1957, p. 11.

¹¹² HOFMANN, 1957, p. 11.

¹¹³ EBERLE, Soraya Heinrich. *Cantar, contar, tocar... A experiência de um grupo de louvor como possibilidade para a formação teológico-musical de jovens*. 2012. 286f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação, Faculdades EST, São Leopoldo, 2012. p. 255-257.

Devolver a voz às pessoas: quando nos referimos ao cantar é também a isso que nos referimos. Trabalhar com a voz das pessoas é dar-lhes a possibilidade de se expressarem diante da comunidade em que estão inseridos e diante da sociedade e da vida como um todo. Ajudá-las a desenvolver uma voz convicta e convincente é, de certa forma, auxiliá-las a se colocarem diante da vida dessa mesma maneira.¹¹⁴

Na prática do canto comunitário podemos ouvir a todos, sentir todos, mas cada um nesta ação pode expressar sua individualidade. Ser um, dentre muitos. Dar de si e receber do outro: é engajar-se em comunhão.¹¹⁵

Para que haja sintonia entre este canto e a vida de fé e cotidiana das pessoas é preciso que se carregue na sua letra o motivo, o conteúdo daquilo pelo qual deseja expressar-se. Cantar pela luz do Ressuscitado, pela graça de Deus revelada no Ressurreto, Jesus Cristo, que liberta do pecado, que fortalece diariamente para uma vida em esperança e amor é anunciar o que se crê.

A voz de uma comunidade reunida pode ajudar na auto-expressão, a permitir que as pessoas se tornem mais espontâneas, “mais vivas”. Permitir uma comunidade a ouvir-se está de acordo com o caminho da Reforma, no qual Martin Lutero apresenta a música como “uma arte prática, intimamente ligada à teologia, sendo seu objetivo o louvor ao Criador e a proclamação da palavra que é o ecoar constante do louvor a Deus e à sua Criação”.¹¹⁶

Para Ewald, toda ação musical no culto deve estar direcionada a Deus: “o encontro só se torna possível, porque Deus o permite e porque Deus o ordenou”.¹¹⁷ É Deus que age através de nós por meio de sua Palavra e do Sacramento. Portanto, a música deve moldar-se ao contexto do culto, priorizando o agir gracioso de Deus em sua Palavra e Sacramento e indo ao encontro da comunidade reunida.

Pensar aqui em repertório, ou quais instrumentos são mais apropriados, que estilos musicais utilizar, nos leva a refletir que estas questões devem partir de discussões e decisões a partir do contexto litúrgico. Cabe aqui um olhar ao que Ewald¹¹⁸ refere como “[...] qualquer tipo de música pode ser utilizado na igreja, contanto que ela colabore na índole comunitária do culto, reforce seu sentido participativo e faça sentido no fluir da liturgia”. Com isto ele não quer dizer que não

¹¹⁴ EBERLE, 2012

¹¹⁵ EBERLE, 2012.

¹¹⁶ SCHALK, 2006. p. 21-22.

¹¹⁷ EWALD, Werner. *Tear. A importância da música no culto ou do culto na música?* Formação EBB, n. 27, Dezembro 2008. p. 14

¹¹⁸ EWALD. 2008, p. 15-16.

há necessidade de haver critérios a respeito da escolha dos hinos e canções para o canto comunitário, mas antes que podemos nos aproximar com mais clareza daquilo que tem prioridade no culto, na liturgia e, conseqüentemente, na música.

2.7 CONCLUSÃO

O culto cristão é espaço primordial do canto comunitário, compreendido como encontro da comunidade com Deus. O canto comunitário no culto faz parte da identidade luterana. Esta prática tem a ver com as pessoas, com a música, a liturgia e a teologia.

Os cânticos e hinos têm como uma das funções revelar e ensinar verdades bíblicas e doutrinárias. Descuidar-se desse propósito pode levar a demonstrar e solidificar conceitos errôneos dentro de uma comunidade. Portanto, ter cuidado em relação à seleção de repertório é fundamental para que as pessoas possam render graças a Deus de forma significativa e expressiva.

Jomathan Edwards nos diz que

[...] o dever de cantar louvores a Deus parece ser totalmente apontado para excitar e expressar afeições religiosas. Não há outro motivo para nos dirigirmos a Deus em verso, e não em prosa, e fazê-lo com música, mas apenas que é da nossa estrutura e natureza que estas coisas têm uma tendência a mover nossas afeições.¹¹⁹

Poderíamos então dizer que o canto tem o propósito de afetar nosso coração? De despertar desejos espirituais, ou afeições espirituais através das verdades bíblicas que cantamos? Expressá-los sem o auxílio, a cooperação de Deus é tarefa praticamente impossível. Precisamos do seu Espírito para nos convencer que somos filhos amados, perdoados, queridos para motivar a elevar nossa mente, nossa voz, nosso ser em adoração.

A saúde espiritual, a adoração em espírito e em verdade exige o temor de Deus: “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria” (Sl 111.10). A espiritualidade genuína e agradável a Deus ocorre quando é possível arrancar a máscara da hipocrisia. É quando estamos libertos para podermos praticar em conjunto a comunhão com Deus e com os irmãos e expressar louvores ao seu santo nome.

¹¹⁹ EDWARDS, 2002 apud MARINHO, Rui. Um pensamento sobre a função do canto no culto. 2014, s/p. Disponível em: <http://bereianos.blogspot.com.br/2014/05/um-pensamento-sobre-funcao-do-canto-no.html>. Acesso em 20 ago. 2016.

Para encerrar este capítulo juntaremos alguns pedaços deste grande mosaico que envolve esta ação prática. O canto é uma ponte de circulação energética que permite integrar ação, emoção e pensamento. É ação porque precisa do material sonoro, e aponto aqui para uma fonte já mencionada, que nos traz elementos de onde este material é produzido: o ser humano com seu aparelho fonador e tudo o que nele corresponde.¹²⁰ É emoção quando nos identificamos com o resultado desta ação que se torna sonora e permite expressar sentimentos, sensações e estado de ânimo. É pensamento quando nos faz refletir sobre onde estes sons nos levarão ou para que finalidade está destinado este material sonoro.

No canto de uma comunidade, onde o objetivo maior é o louvor a Deus, os aspectos acima mencionados são indispensáveis, mas uma ponte fundamental que nos permite uma ligação com este material sonoro com o Divino é a comunhão. Lutero nos lembra disto ao dizer que outros ouvirão e virão.¹²¹

Fechando, assim, o mosaico, sem esgotar o assunto, mas para podermos concluir parte dele, faremos uma referência baseada na área da Estética Musical. Podemos compreender o canto como obra de arte, criação, composição. O destino de uma obra de arte aqui especificamente da *composição de um cântico* será apreciado através do gosto, das preferências de quem os tiver utilizando. Uma obra, uma criação entoada por uma comunidade, vale lembrar que antes de tudo, antes de chegar a ser utilizada, executada, antes de favorecer a comunhão, ela é fruto de estudo, raciocínio, cálculo, destreza, habilidade por parte de seu compositor que tem em Deus seu Criador. Conforme Minczuk,¹²² nela estão: Beleza, Energia e Ordem. Ela representa a vida, pedaços do universo e da própria vida. Portanto, Deus sempre será a razão de cantar de uma comunidade. Não há como viver espiritualidade sem experimentar a presença de Deus e não há como cantar sobre Deus ou para Deus sem expressar emoções.

O próximo capítulo destacará o canto no culto cristão – luterano – para verificar como ocorre a prática da espiritualidade através do canto.

¹²⁰ COELHO, 2012.

¹²¹ SCHALK, 2006.

¹²² Conforme EBERLE, Soraya Heinrich, em uma aula do Mestrado Profissional, São Leopoldo, Faculdades EST, julho 2015.

3 A MÚSICA NO CULTO LUTERANO CONTEMPORÂNEO

3.1 INTRODUÇÃO

A fim de compreender como se dá de fato a expressão da espiritualidade no culto cristão através do canto, realizamos uma pesquisa numa comunidade luterana urbana do Estado de Santa Catarina, com alguns participantes do culto, com os líderes nas áreas musicais e no presbitério.

A Paróquia na qual se realizou a pesquisa pertence à Comunidade Evangélica de Joinville, localizada em zona urbana. Desde 1954 contava com uma capela, considerada como ponto de pregação e onde também funcionava um jardim de infância que atendia em torno de 50 crianças anualmente.

Antes mesmo de se tornar paróquia já havia um trabalho com as mulheres daquela região, que hoje chama-se de OASE (Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas), como também aula de bordado para crianças, culto infantil e estudos bíblicos para as famílias. Desde aquela época vários grupos de jovens se formaram com jovens vindos de todas as partes da cidade.

Nos anos 70 aprovou-se em assembleia a formação da paróquia, porém esta contava apenas com a referida capela e mais outro espaço, que também era considerado um ponto de pregação. Inicialmente esta paróquia contava com um campo ministerial e duas capelas que se transformaram em igrejas após algumas adaptações. Os cultos eram ministrados semanalmente em horários diferenciados para que o pastor pudesse atender as comunidades em todos os domingos. O coro foi formado por pessoas das duas igrejas, o que permanece nestes moldes até hoje.

Em decorrência do grande volume de trabalho houve a necessidade de transformar cada congregação uma paróquia própria. Assim, no dia 21 de novembro de 1997 foi aprovada, em assembleia, a criação desta paróquia, na qual realizamos a pesquisa.

Atualmente conta com 500 membros aproximadamente, vários grupos de trabalhos, cultos dominicais, cultos especiais, ciclo de palestras, grupo de jovens, OASE, escola bíblica de férias para crianças, culto infantil, almoço comunitário, café dos idosos, retiro de casais, dois coros, um grupo musical e vários instrumentistas. .

A pesquisa foi realizada através de questionário. As perguntas foram divididas em quatro blocos: a) identificação, b) percepção sobre sua participação (nos cultos e

na paróquia), c) percepção sobre a música e o culto, d) percepção sobre a espiritualidade.

Foram respondidos 38 questionários, distribuídos em papel, num total de 27 perguntas, sem identificação nominal. As questões eram objetivas, na sua maioria, com múltiplas escolhas e, ainda, com a possibilidade de inserir dados não contemplados.¹²³

3.2 IDENTIFICAÇÃO

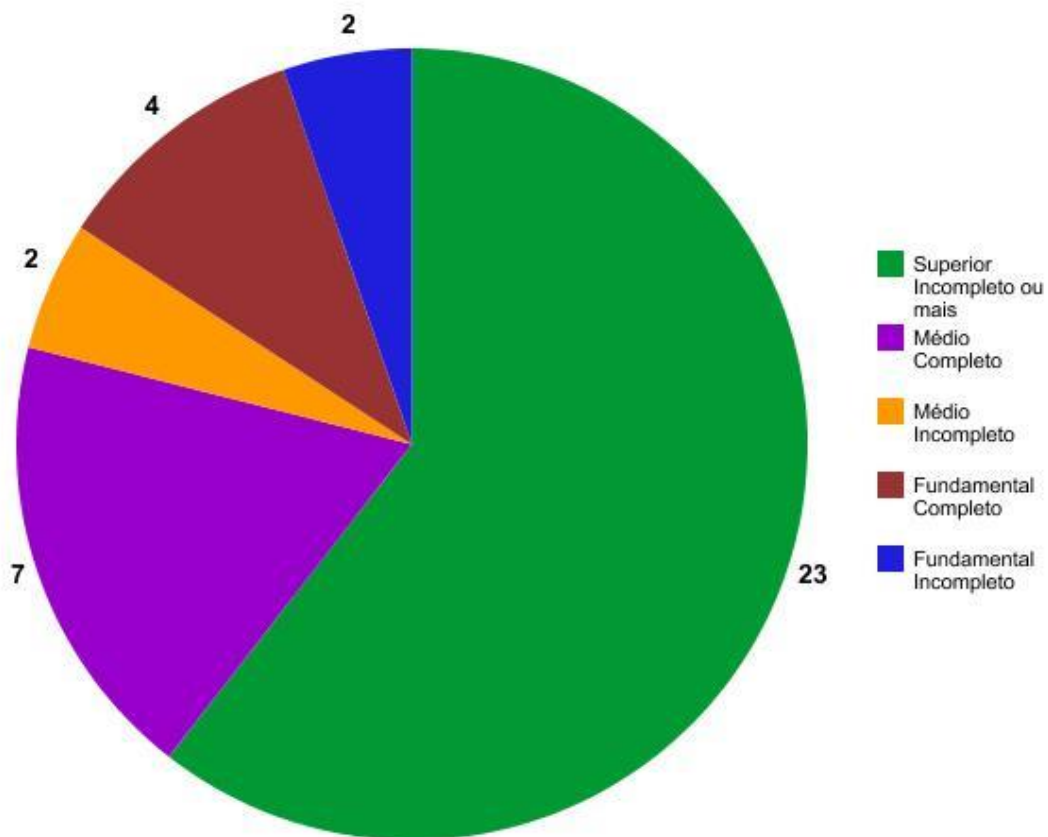
A faixa etária das pessoas pesquisadas foi de 21 a 89 anos. Foram 26 pessoas do sexo feminino e 12 do masculino. Essa desproporção se deu de forma aleatória, de acordo com a disponibilidade dos inquiridos em responder às perguntas. Entre o sexo masculino, apenas 2 eram solteiros. Os demais eram casados. Entre o feminino, 15 pessoas eram casadas, 6 viúvas, 3 solteiras e 2 divorciadas.

A escolaridade entre o sexo masculino obteve o seguinte resultado: 1 pessoa com ensino médio completo, 3 pessoas com superior incompleto, 5 com superior completo e 3 com pós-graduação completa. Entre o sexo feminino houve a seguinte variação: 4 pessoas com completo, 2 com ensino fundamental incompleto; 6 com completo, 2 com ensino médio incompleto; e 5 pessoas com superior e com pós-graduação completa ou incompleta, e 7 com pós-graduação completa.

A partir destes dados podemos traçar um perfil eclético, com um bom nível de escolaridade. Considerando os resultados em termos de escolaridade, temos:

¹²³ Modelo do questionário no Apêndice 1.

Figura 1 – Escolaridade



Fonte: a autora

3.3 PERCEPÇÃO SOBRE SUA PARTICIPAÇÃO

O segundo bloco, sobre a percepção da sua participação no culto e na comunidade, foram feitas duas perguntas sobre a participação no culto e em alguma atividade na paróquia.

Os dados não podem ser absolutizados em relação à participação nos cultos porque havia a possibilidade do entrevistado responder com as próprias palavras. Assim, 19 pessoas responderam que participam dos cultos todos os domingos; 10 pessoas, em 2 ou 3 domingos por mês; 3 pessoas em apenas 1 culto; e 5 responderam de forma alternativa. Nessas respostas predominou o verbo sentir, como, p. ex., saudades, vontade e falta de comungar com os irmãos.

Em relação à participação em alguma outra atividade da paróquia havia a possibilidade de marcar mais de uma alternativa: presbitério, OASE, LELUT (Legião Evangélica Luterana), Grupo de Jovens, Banda, Coro, Culto Infantil ou outro. Apenas 5 responderam que não participam de outra atividade, 4 do sexo masculino e 1 do feminino

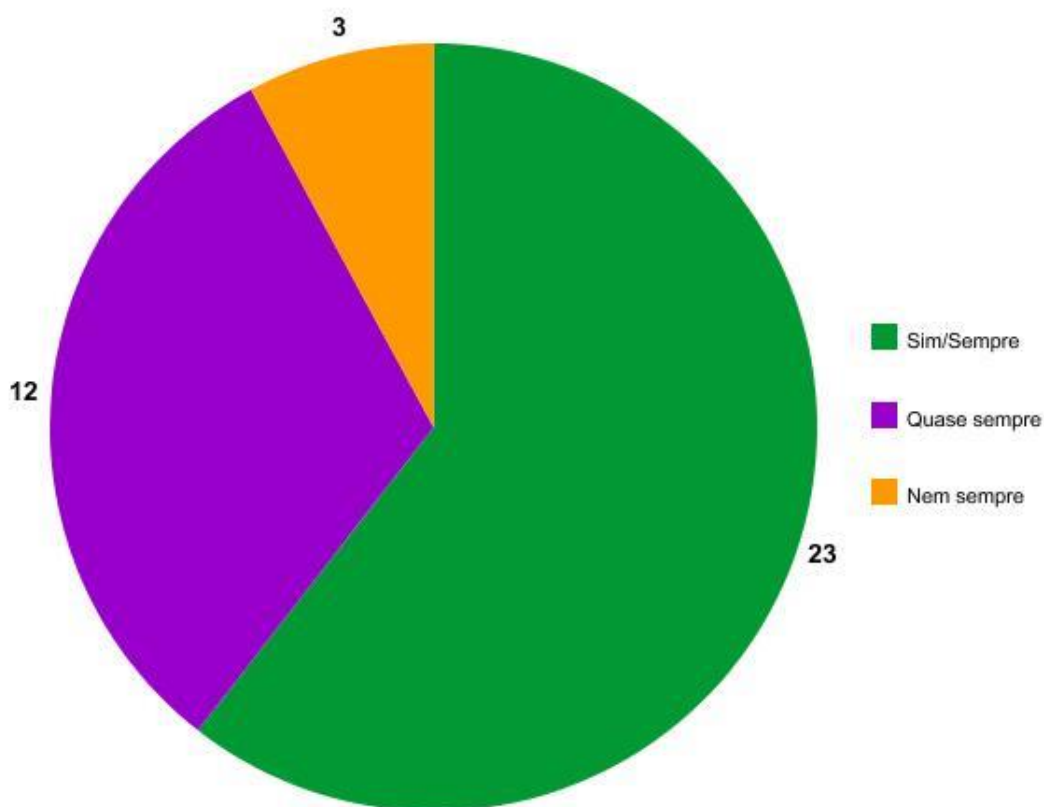
(uma senhora de 83 anos). Nenhum respondeu LELUT, mas foram inseridos ainda no espaço destinado ao estudo bíblico, o grupo de reflexão feminino e a diaconia.

Trata-se, portanto, de um perfil de entrevistados de pessoas participantes tanto dos cultos, como em outras atividades da paróquia, revelando uma possibilidade maior de respostas qualitativas para os blocos seguintes.

3.4 PERCEPÇÃO SOBRE A MÚSICA E O CULTO

Indagados sobre a quantidade de cantos no culto, a ampla maioria respondeu que se canta na medida certa. Um segundo grupo, disse que se canta muito e, apenas 3 responderam que se canta pouco. Responderam ainda, a maioria, que os hinos e cânticos agradam:

Figura 2- Satisfação com hinos e cânticos



Fonte: a autora

Uma das justificativas para os hinos que nem sempre agradam foi “hinos sem mensagem”, de um senhor de 72 anos. Também responderam que conseguem

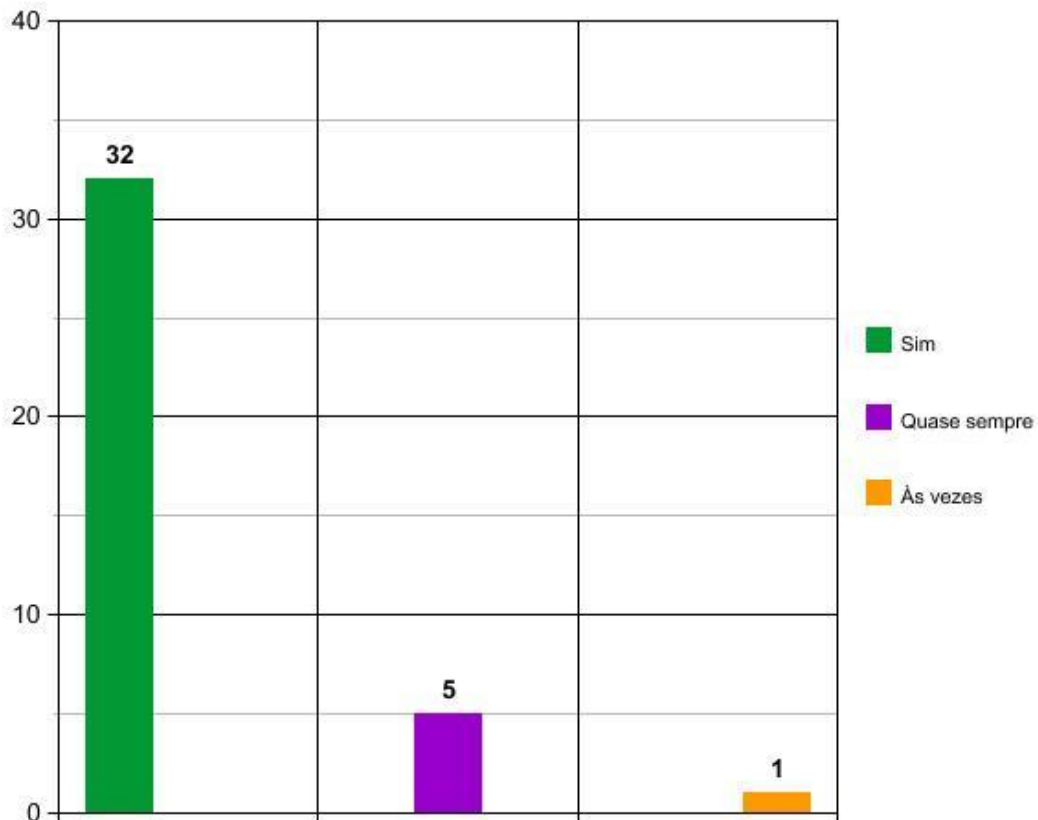
cantar confortavelmente os hinos e, quando não, apontou-se a dificuldade na técnica musical (“manter a tonalidade”, ou o tom “agudo”). Os instrumentos, por sua vez, foram apontados como facilitadores no canto, bem como a avaliação da condução música foi considerada boa.

Como sugestões musicais apontaram espontaneamente: uso de melodias populares, uso de cd’s em caso de ausência de músicos, cantar em pé e com gestos, com mais entusiasmo, resgate de hinos antigos, com mais ênfase nos conteúdos, com banda, com ritmos rápidos (“que não deem sono”), músicas atuais, e necessidade de um cantor que conduza os hinos.

Neste mesmo bloco pode-se verificar a influência dos hinos na relação com Deus. A seqüência de figuras a seguir, nos mesmos moldes, é de forma proposital para efeitos de comparação.

Perguntados se a música no culto ajuda a focar seus pensamentos em Deus, assim responderam:

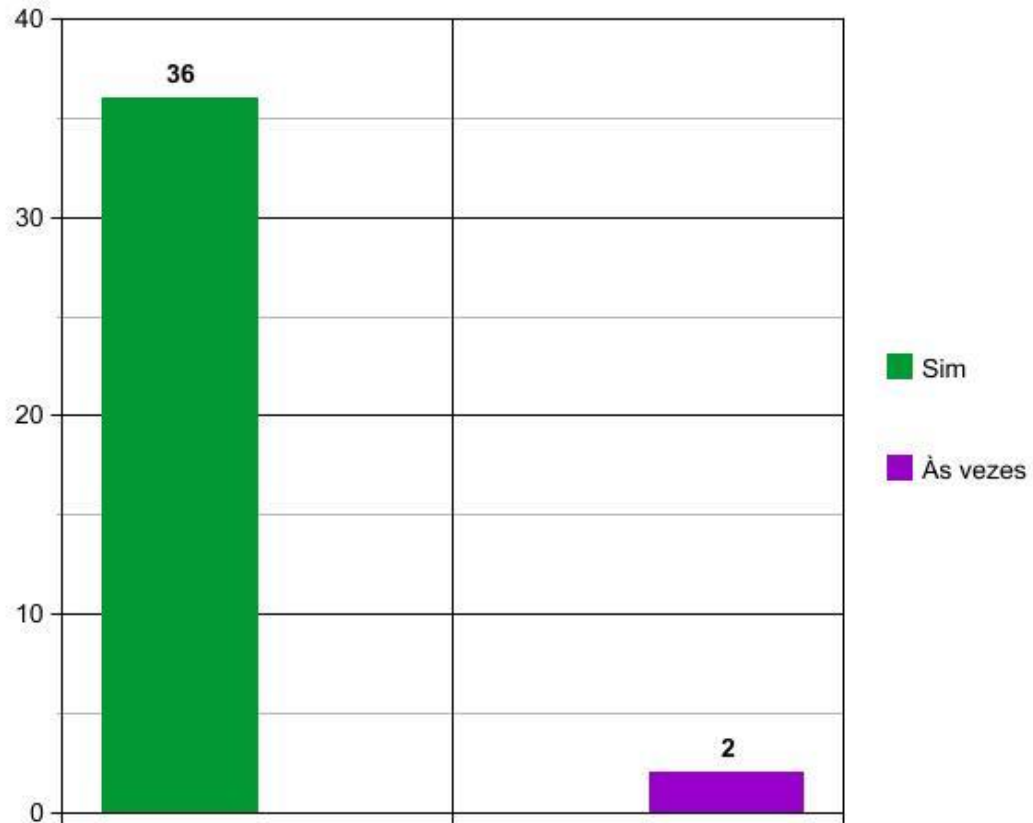
Figura 3 - A música no culto ajuda a focar os pensamentos em Deus



Fonte: a autora

Em seguida, responderam que a música no culto auxilia no encontro com Deus:

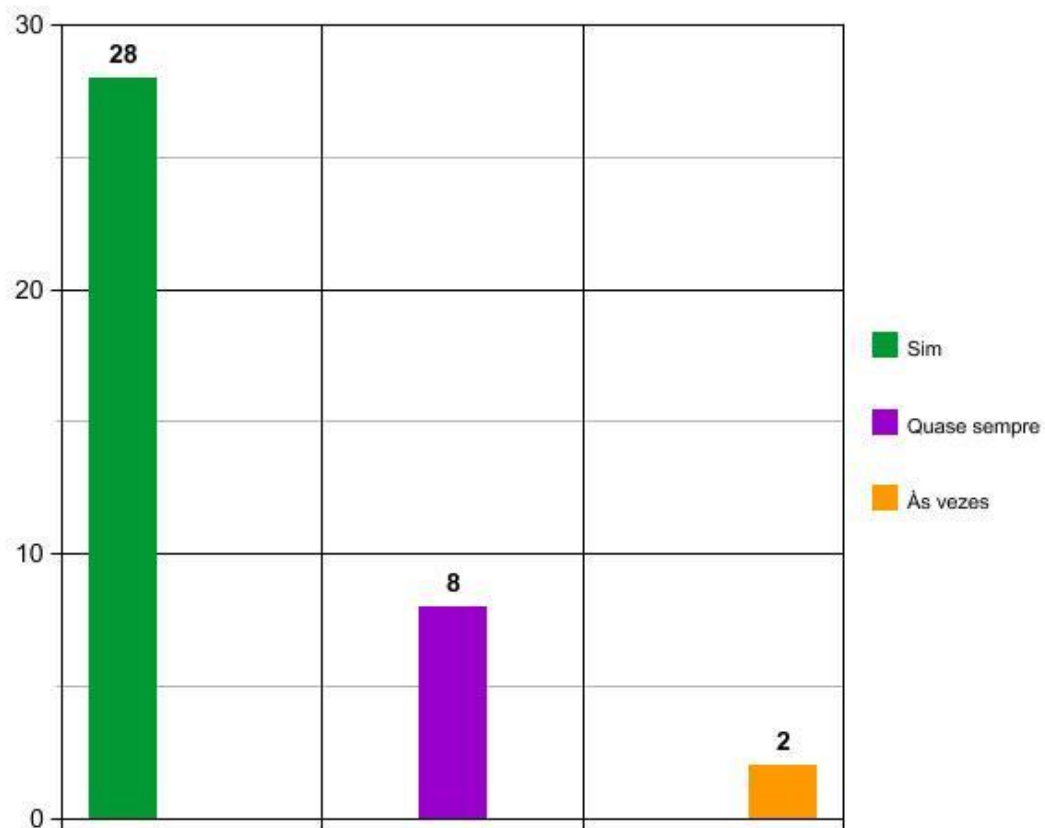
Figura 4 - A música no culto auxilia no encontro com Deus



Fonte: a autora

Estas respostas permitem concluir que os hinos e cânticos nos cultos estão cumprindo a sua função de aproximação com Deus. Tal conclusão é reafirmada quando perguntados se conseguem louvar a Deus através dos hinos/cânticos.

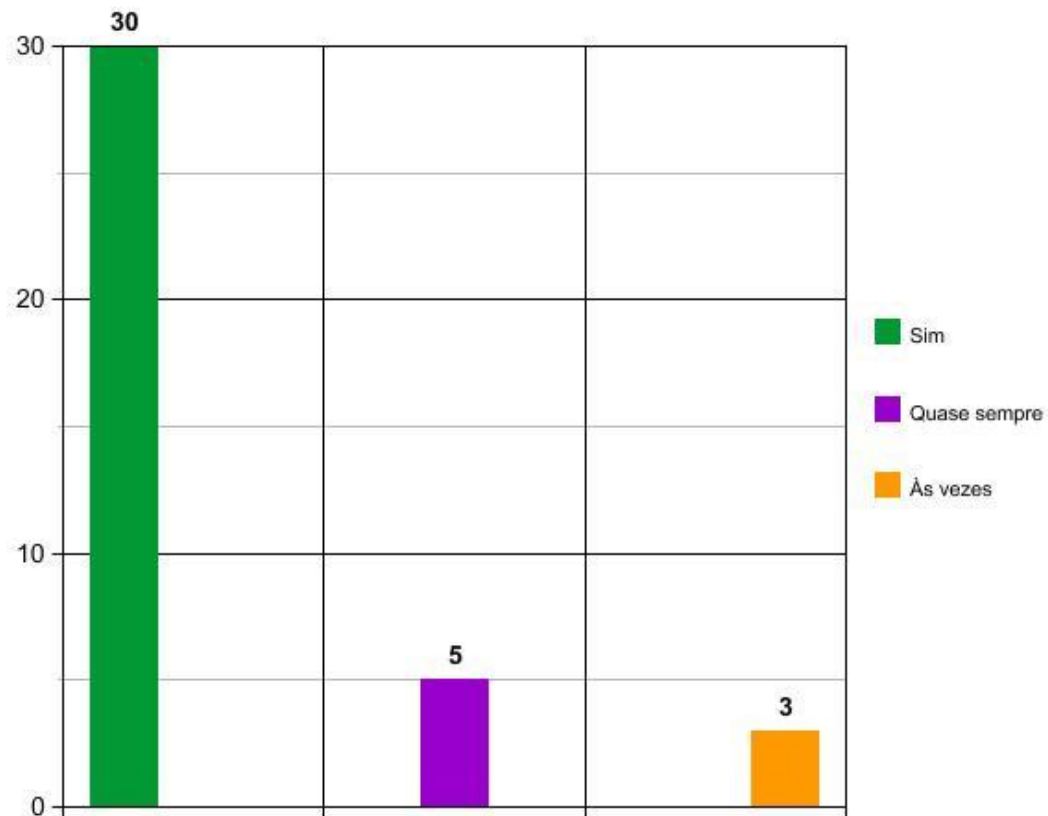
Figura 5 - Consegue louvar a Deus através dos hinos/cânticos



Fonte: a autora

Também para a maioria dos entrevistados, o que se canta é verdadeiro para si, ou seja, é real e faz sentido.

Figura 6 - O que você canta é verdadeiro para você



Fonte: a autora

Uma das pessoas que respondeu “quase sempre” argumentou que “não é adepta de corinhos cujas letras, às vezes, não trazem mensagem”. A incompreensão das letras, bem como definir o que é verdadeiro para si a partir de hinos com letras de outros autores pode se mostrar complexo.

Por fim, a maioria concordou que os hinos expressam os temas abordados no culto.

3.5 PERCEPÇÃO SOBRE A ESPIRITUALIDADE

Este bloco apresenta os resultados da pesquisa sobre a percepção da espiritualidade no culto.

Todos os entrevistados responderam afirmativamente para Cristo como sendo o único Senhor. “Se assim não fosse, não seria membro participante da

comunidade”, argumentou um deles. Outro afirmou que “todo o cerimonial tem por base esse objeto”.

Para a pergunta sobre Deus como sendo a centralidade no culto dominical, um respondeu que acontece às vezes. Responde com uma crítica: “como igreja evangélica, falta focalização mais no Evangelho: ‘ide e pregai o Evangelho’”. Os demais responderam afirmativamente e, espontaneamente, alguns justificaram assim: sim, porque todas as partes da liturgia giram em torno do nome de Deus; se não fosse Deus, não precisaríamos de culto; a centralidade se dá na leitura bíblica, na palavra (pregação) e nos cantos escolhidos; porque tudo gira em torno Dele, nas orações, nas músicas e na pregação; porque é a Ele que devemos nosso louvor e gratidão.

Perguntados se percebem de forma agradável a comunhão com os irmãos na fé, 36 responderam que sim e apenas dois que nem sempre.

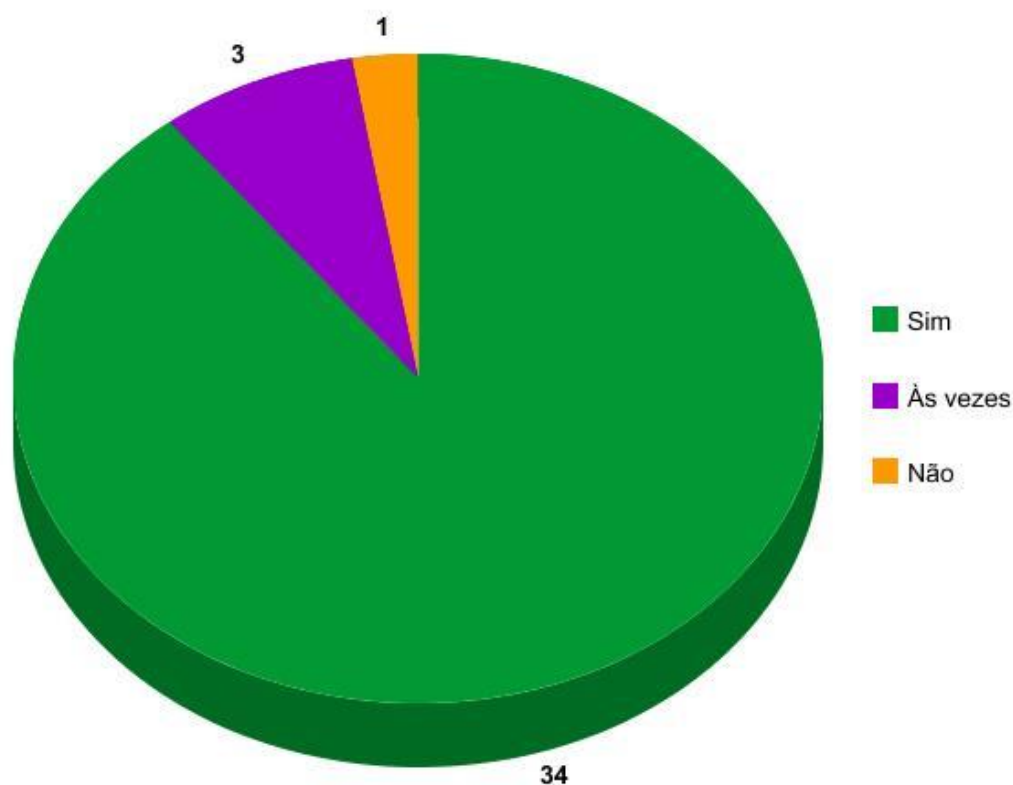
Sobre a necessidade de momentos de meditação em casa, 34 responderam que sim e 4 responderam às vezes. Os momentos citados espontaneamente para meditação foram: quando em dificuldade, para agradecer, necessidade de orientação, três vezes ao dia, na leitura, quando em turbulência ou dia agitado, na doença, antes do descanso, para preencher a incoerência espiritual, de madrugada, em momentos de solidão, sozinho e sem regras definidas (qualquer hora). As respostas passaram a impressão de se tratar de um momento individual, com exceção de um que respondeu quando está em família.

Por outro lado, quando as questões diziam respeito especificamente ao momento do culto, observou um dado interessante: 30 responderam que encontram momentos para meditar/contemplar no culto, 2 responderam que não é o caso e 6 que às vezes. Neste universo de 8 que não responderam que sim, apenas um dos “quase sempre” justificou: “quando se faz uma pausa e o pastor manda rezar”.

Já os que responderam “sim” comentaram espontaneamente que os momentos para meditar são: nas orações, prédicas, nos hinos, nos momentos raros de silêncio, na oração, na leitura bíblica, no louvor, durante todo o culto, no prelúdio, no canto do coral, na confissão dos pecados, exceto nos avisos comunitários, e que todos os momentos têm a sua expressão própria. Prevaleceu com maior intensidade o momento da pregação e dos hinos.

Todos responderam que o culto é um encontro com Deus. Porém, quando indagados se sentem a necessidade de buscar no culto algo que lhes preencha espiritualmente, assim responderam:

Figura 7- Necessidade de buscar no culto algo que preencha espiritualmente



Fonte: a autora

Em relação às respostas afirmativas, apenas uma pessoa se sentiu à vontade para argumentar que o “Domingo é dia de louvor a Deus, encontra-lo na comunhão de irmãos, agradecer pelas dádivas recebidas na semana e deixar (pedir) que nos abençoe também na nova semana que se inicia”.

Já na única resposta negativa, de que não há necessidade de buscar no culto algo que preencha espiritualmente, o entrevistado colocou um ponto de interrogação ao lado como forma de expressar alguma dúvida. Chama a atenção que as demais questões esta pessoa respondeu afirmativamente. Mas esta única resposta me levou a apreciar o questionário todo de forma isolada. Trata-se de uma pessoa de 63 anos, divorciada, do sexo feminino, com pós-graduação completa. Respondeu que vai aos cultos somente quando sente vontade ou necessidade de comungar com os

demais. Participa num setor da comunidade (diaconia). Na sua percepção sobre a música e o culto, as respostas nem sempre foram afirmativas sobre a música como forma de focar em Deus ou louvar a Ele, ou ainda como forma de expressar o que sente.

Chamou a atenção que aqueles que responderam à questão com “às vezes” têm ensino superior completo ou pós-graduação completa. As demais respostas permaneceram dentro daquilo que a maioria respondeu.

3.6 A MÚSICA NO CULTO LUTERANO CONTEMPORÂNEO

Ampliando um pouco mais a busca de dados para complementar a compreensão sobre o que estamos pesquisando e o contexto no qual a música se encontra, seguem os dados dos questionários respondidos por algumas lideranças da paróquia que foram direcionadas especificamente às suas funções. Foram sistematizados em quatro blocos: a) identificação, b) percepção sobre sua atuação (nos cultos e na paróquia), c) percepção sobre a música e o culto, d) percepção sobre a espiritualidade. As questões oportunizaram respostas para o entendimento sob um olhar de pessoas que estão envolvidas com a música, com a espiritualidade e com a prática do canto comunitário.

a) Identificação.

Foram entrevistadas cinco lideranças que atuam sistematicamente dentro da paróquia: o pastor, o presidente, os dois regentes e um musicista. Com idade entre 30 e 56 anos, todos do sexo masculino e casados.

b) Percepção sobre sua atuação.

Neste bloco estaremos elencando a atuação de cada um dos entrevistados. O pastor, que atua no campo ministerial, relatou que é difícil responder com exatidão sobre a sua atuação. Ele trabalha com os adolescentes do Ensino Confirmatório semanalmente, com grupo de adolescentes e jovens mensalmente, com Grupos de Mulheres (OASE e Grupo de Reflexão) quinzenalmente, com Grupo de Homens quinzenalmente, Estudos Bíblicos também de quinze em quinze dias, Dança Sênior duas vezes por mês, além de reuniões e encontros diversos com diferentes lideranças e variados grupos. E ainda há os cultos dominicais, da manhã e da noite, cuja média de participação é de 140 pessoas. Além disso, há cultos em língua alemã, café com idosos, e diversos grupos de casais, nos quais o pastor participa

ocasionalmente. Ainda realiza visitas a domicílio e em hospitais. Considera que trabalha regularmente com cerca de 250 pessoas.

O regente do coro maior trabalha com aproximadamente 30 cantores voluntários, membros da comunidade e um pianista profissional que realiza o acompanhamento musical do coro. O musicista exerce várias funções na paróquia, mas aqui relata sobre a função que tem mais relação com a pesquisa, que é a de músico e responsável pela escala dos musicistas para acompanhar o canto comunitário nos cultos. Diz que na paróquia acontecem basicamente duas celebrações dominicais, sendo que a noturna é assumida por um grupo fixo de 05 pessoas (músicos amadores voluntários) que toca todos os domingos. No culto matinal, a paróquia conta com 4 músicos que se revezam tocando em duplas, trios ou até mesmo sozinhos. A escala é feita de forma mensal. Quando os corais estão escalados para algum culto, o próprio tecladista do coral assume as funções de organista naquela celebração. O presidente ocupa-se com varias pessoas de vários grupos semanalmente. O regente do Coro Menor (não em qualidade, nem em participação, somente em número de participantes), trabalha como regente com 21 pessoas que se reúnem semanalmente para ensaios com duração de duas horas e quinze minutos. Além dos ensaios há um encontro mensal na casa de um dos integrantes para estudos de edificação. Também há os encontros para participações em cultos e em outros eventos atendendo demandas na paróquia e fora dela.

Sobre a participação nos cultos, o pastor exerce seu ofício ministerial todos os domingos. O regente do Coro Maior é luterano, mas não é membro da paróquia na qual foi realizada a pesquisa, congrega em outra paróquia, com isso sua participação com o coro no qual atua é em geral uma vez por mês. O musicista toca em um culto dominical matutino uma vez por mês com violão e violino e nos cultos de domingos a noite participa com o Grupo “Cordas Novas” do qual faz parte, onde canta e faz a percussão. A participação do presidente nos cultos é dentro de suas possibilidades. O regente do coro menor, como também não é membro desta paróquia, tem sua participação quando é escalado para cantar ou quando o pastor o convida para tocar no culto.

c) Percepção sobre a música e o culto.

Primeiramente estaremos relacionando as respostas referentes à música nos cultos e na paróquia. Seguem então, pareceres das lideranças sobre o que pensam da música nos cultos dominicais e na paróquia. O pastor comenta que trabalha

numa paróquia que é privilegiada em termos de participação de musicistas: têm dois coros, banda formada por jovens, vários músicos, alguns são profissionais e professores/as na área, e estão na escala do louvor dominical que é organizada por uma pessoa responsável por isso. O regente do Coro Maior diz que a música é bem organizada e a comunidade tem vontade de cantar: tem os coros e outros grupos de canto que colaboram de forma significativa na condução da música na comunidade. O musicista reforça que a música é parte importante nos cultos da paróquia. Preza-se pela escolha das músicas conforme os temas a serem trabalhados. Preza-se por garantir que o acompanhamento musical apropriado nunca falte ou esteja prejudicado. Há o entendimento de que a música é essencial na proposta geral de celebração e culto a Deus. O presidente menciona que a música é muito enriquecedora, os arranjos são bem preparados, estimulante para os cantos de louvor. O regente do coro menor afirma que a música é muito considerada, é valorizada e é parte importante e indispensável nos cultos. Existe o zelo pela parte musical e pelos musicistas que atuam nos cultos.

Sobre os hinos e cânticos se estes lhes agradam, o pastor responde que, de maneira geral, sim. Claro que as vantagens de ter uma banda com bastante autonomia na condução do louvor e na escolha dos hinos a serem cantados, traz consigo o ônus de, às vezes, trazer músicas cujo conteúdo é discutível. Mas prefere ter estes jovens trabalhando na paróquia do que afugentá-los porque uma ou outra vez os hinos poderiam ser mais diversificados ou com conteúdo teológico mais contextualizado. O regente do Coro Maior diz que sim, e que estão em conformidade com a teologia luterana. O musicista também diz que sim. Mesmo tendo bastante diferença entre os hinos utilizados nos cultos da manhã e da noite ele gosta de ambos. Ele acha que ambos têm bom conteúdo e são musicalmente ricos. Diz que cada pessoa tem suas preferências, e que por isso a ideia de se fazer cultos distintos é importante. O presidente se agrada dos hinos cantados no culto. O regente do Coro Menor também se agrada dos hinos. Entende que o canto é para Deus e que deva ser sempre agradável, independente de gênero e estilo. Gosta de composições elaboradas tanto na parte da estrutura musical, quanto na parte do texto da mensagem. Diz que o pastor escolhe criteriosamente os hinos/cânticos e percebe que há a preocupação de fazer com que a comunidade seja bem atendida.

Outra pergunta foi se a comunidade canta e se ela se sente confortável ao cantar. O pastor afirma que sim, a comunidade é bem participativa no louvor. O

regente do Coro Maior diz que sim, quando são hinos conhecidos. Mesmo sendo em sua maioria do hinário, nem todos são conhecidos da comunidade, mas está aí uma oportunidade de aprender. O musicista afirma que sempre há uma preocupação com a tonalidade das músicas para que elas sejam confortáveis ao cantar. Nas músicas do culto da noite há a preocupação também com a dificuldade das melodias ao escolher novas músicas. Às vezes, alguns ajustes são necessários nos tons, até mesmo nos hinos do HPD¹²⁴. Mas, na opinião dele a comunidade consegue cantar confortavelmente sim. O presidente afirma que a comunidade canta. Que os hinos geralmente são conhecidos. Nem todos do HPD são conhecidos. Segundo ele, às vezes, há algumas melodias que não são conhecidas e aí a comunidade tem dificuldade em cantar. O regente do Coro Menor diz que a comunidade canta e canta bem. Esse é um diferencial nessa paróquia, pois é possível sentir o “calor” do canto comunitário nos cultos.

Sobre os hinos que são cantados nos cultos: O regente do Coro Maior diz que são hinos do Hinário (HPD 1 e HPD 2)¹²⁵. O musicista refere-se da seguinte forma: nos cultos matutinos, seguimos apenas os hinos do HPD 1 e 2, sendo que os hinos litúrgicos, às vezes, podem vir de opções diferentes, normalmente trazidas pelo pastor. Nos cultos noturnos os hinos são uma coletânea realizada pela liderança da banda com a homologação do pastor. Hinos provenientes de várias denominações e ministérios de louvor, sempre com orientação para o canto comunitário. Jorge Camargo, Vencedores por Cristo, Asaph Borba, são alguns exemplos, que se juntam com clássicos como “Grandioso és Tu”¹²⁶ e “Canta minha alma”¹²⁷ repensados para uma formação mais moderna. O presidente confirma os hinos dos hinários 1 e 2. O regente do Coro Menor relata que são os hinos do hinário.

Foi perguntado também se os hinos/canções tem relação com a Palavra de Deus e a pregação. O pastor respondeu que sim, especialmente quando ele escolhe pessoalmente os hinos. O que é cantado logo antes e logo depois da pregação normalmente está diretamente relacionado ao conteúdo da mensagem. A banda que escolhe os hinos, em princípio, segue a mesma regra. O regente do Coro Maior acha que, normalmente, sim. O musicista observa que nos cultos matutinos isso é

¹²⁴ HINOS DO POVO DE DEUS. Hinário da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Editora Sinodal. São Leopoldo, vol. 1, 1981.

¹²⁵ HINOS DO POVO DE DEUS. Hinário da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Editora Sinodal. São Leopoldo, vol. 2, 2001.

¹²⁶ Autoria de Carl Gustav Boberg e melodia do folclore sueco.

¹²⁷ Autoria de Clyney Bernard.

mais evidente, pois é o próprio pastor que escolhe os hinos. Já à noite, é o grupo musical que escolhe os hinos. O pastor avisa quando há algum tema especial, onde o grupo tenta escolher pelo menos uma música relacionada com a pregação. Neste culto se trabalha mais com a idéia de bloco de louvor, onde a música tem uma função um pouco diferente da que de compor a estrutura litúrgica como acontece em um culto matutino. O presidente diz que, sim, há relação dos cantos com a pregação. O regente do Coro Menor confirma a relação do conteúdo dos hinos com a Palavra de Deus. Toda a estrutura musical dos cultos é pensada e orientada no sentido de que haja conexão entre a mensagem falada e a mensagem cantada. Isso é muito importante porque os hinos/canções preparam para os momentos da liturgia. Você canta refletindo no que virá a seguir.

Alguns comentários sobre a música no culto e sua relação no encontro com Deus. O pastor afirma que a música auxilia na aproximação com Deus. Ele diz que ouve comentários e recebe retornos sobre como certos hinos tocaram o coração das pessoas e convidaram para agradáveis momentos de reflexão e comunhão com Deus. Muitas vezes, isso acontece com os coros quando cantam nos cultos. O regente do Coro Maior diz que tem certeza que a música ajuda no encontro com Deus. Como disse Lutero, a música é a viva voz do evangelho. Em muitos casos, é muito mais fácil ensinar e memorizar a mensagem através do canto, seja do coro ou com a comunidade. O musicista diz que acha que essa é a função da música no culto dentro do meu entendimento. O presidente diz que há, sim, uma contribuição da música, que é estimulante poder cantar e que alegra o coração. O regente do Coro Menor diz que a música pela música já eleva, já nos direciona ao encontro com Deus. Como a música tem seu papel valorizado nas celebrações da paróquia, ela é instrumento valioso no encontro com Deus.

Quanto à condução do canto comunitário, como estas lideranças respondem às questões da relação entre musicistas e a condução musical. O pastor acha que existe uma boa sintonia entre comunidade e musicistas. O regente do Coro Maior explica que quando ele está nos cultos, o coral também está, por isso normalmente os hinos que serão cantados são ensaiados com a comunidade, desta forma, o coral conduz o canto comunitário. O musicista diz que nos cultos da manhã é comum a comunidade ficar um pouco para trás no andamento, esse efeito se dá pelo próprio estilo dos hinos e pela ausência de instrumentos rítmicos. Mas nada que comprometa a execução dos hinos. Nos cultos da noite a comunidade acompanha,

visto que há percussão e 3 vocalistas com microfones. Não há como deixar de acompanhar por falta de apoio musical. O presidente acha que a comunidade consegue acompanhar os musicistas. O presidente diz que há boa condução musical no canto comunitário porque há boa instrução musical. O regente do Coro Menor diz que os envolvidos se empenham para isso. Mesmo com situações de diferentes condições e capacidades, a música sempre é bem conduzida. Vale ressaltar que o pastor é parceiro nessa condução, ele canta, incentiva, puxa.

Sobre sugestões na condução do canto comunitário, o pastor acha muito importante conseguir envolver as pessoas que tem conhecimento na área da música. Se há pessoas que gostariam de participar que se oferecessem oportunidades onde pudessem se aperfeiçoar. O regente do Coro Maior sugere que quando forem hinos novos, sugere ensaiar com a comunidade um pouco antes do culto, ou que seja enviado para o coro, para que o mesmo possa aprendê-lo no ensaio semanal. Segundo o musicista, para o culto da manhã ainda falta uma liderança vocal mais evidente. Como a equipe é reduzida, o grupo concentra-se no instrumental e o canto não tem muita referência. O musicista diz que: “embora que eu acredite que sempre há o que melhorar e que a evolução deve acontecer sempre. Mas comparado com outras realidades da IECLB eu considero nossa paróquia bem suprida.” O presidente sugere incentivar mais músicos a participarem como musicistas, facilitar os músicos com partituras de fácil acesso. O regente do Coro Menor pensa que como igreja, IECLB, o caminho está aberto e é longo. Investimento em música é necessário. Investimento em composição, em material, em estrutura, em capacitação. Percebe em outras denominações uma movimentação maior, mais forte, uma valorização maior e um olhar mais atento na questão da importância e da responsabilidade na condução da música como um todo. É uma questão cultural que precisa de esclarecimento junto às comunidades e até para com os ministros. Há comunidades que precisam com urgência de apoio, capacitação e investimento na área musical. Em certas denominações a música é o carro chefe para todos os trabalhos. Nesta paróquia, especificamente, os cultos são bem servidos com bons e responsáveis músicos. O pastor muitas vezes provoca os músicos com repertório que vai além, faz o músico de certa forma trabalhar um pouco mais. Mas percebe que se houvesse um canal direto, por exemplo no site Luteranos, de atualização de repertório e até mesmo de especificidades com auxílio a instrumentistas e cantores isso ajudaria muito. No site Luteranos, por exemplo,

poderia ser facilitada a busca de partituras, por ordem alfabética, por ocasião. Se você digitar na busca do portal a palavra partituras, aparecerá uma página com cinco *links*, dois deles duplicados. Diz que conhece músicos que nem abrem o site Luteranos porque acham confuso. “Claro, organizar isso tem custo, mas é investimento. Que maravilha seria ter no site da IECLB um instrumento de suporte forte e atualizado para os músicos. As publicações também deveriam ser direcionadas às comunidades. Por exemplo, em várias situações tive que utilizar cantos litúrgicos das coletâneas “Em tua Casa” e “Miriã”. Na livraria Sinodal eu consegui o segundo volume da coleção Miriã. O primeiro não. Eu precisei de um canto sugerido por um pastor e tive que transcrever a partir de uma interpretação no *Youtube* para poder atender ao pedido do pastor. Muitas vezes, há material novo, mas nem tomamos conhecimento”.

Sobre a influência dos Coros e Grupos Musicais na condução do canto comunitário. Diz o pastor que influenciam positiva ou negativamente. Já trabalhei em paróquias onde a banda era motivo de constantes conflitos e atritos, pois não aceitava as sugestões do ministro quanto ao volume no uso da bateria, por exemplo. Em outro local coralistas não respeitavam o seu regente e esperavam que o pastor participasse para manter a ordem durante os ensaios. É claro que tais realidades não influenciam positivamente o trabalho da música numa paróquia. Mas onde há boa vontade dos músicos e dos grupos musicais, onde há sintonia entre os que conduzem o louvor e os oficiantes, onde há musicistas bem preparados, o resultado positivo é percebido, pois estimula a comunidade a cantar e ajuda as pessoas a aprenderem a cantar”. O regente do Coro Maior observa que quando o coro conhece o hino, ele o conduz durante o canto comunitário. Para o musicista há influência sim. Eles têm a função de conduzir o canto comunitário, se não tiverem influência estaria algo errado. Isso se aplica mais aos grupos musicais: “A meu ver os corais tem uma função diferente, é mais apresentação do que condução”. O presidente entende que os coros participam ativamente na parte da condução musical do culto e incentivam a participação comunitária no culto. Para o regente do Coro Menor os coros têm influência, sim, na condução do canto comunitário. Menciona que tem provocado a comunidade a cantar com o coro. Quando há coro no culto, o coro ajuda no canto comunitário naturalmente. Quando não há, a comunidade canta bem, mas o apoio do coro ou dos grupos musicais influencia no jeito de cantar. Os grupos e até

mesmo o pastor muitas vezes orientam sobre alguma particularidade de algum canto/hino.

d) Percepção sobre o exercício da espiritualidade no culto.

Se existem momentos para meditar ou contemplar, o pastor menciona que nesta questão os participantes do culto podem responder melhor do que o oficiante, mas acredita que sim, que a própria pregação além do louvor, oportunizam momentos assim. O regente do Coro Maior também diz que sim, e explicita na confissão de pecados. O musicista diz que sim e que a música é um desses momentos. O presidente e o regente do Coro Menor também dizem que sim. O último menciona que a condução dos cultos obedece a um planejamento bem elaborado. De uma ou outra forma todos têm a possibilidade e a oportunidade de participar, seja cantando, ouvindo, falando, orando em silêncio, orando em conjunto.

Se Deus é a centralidade no culto dominical, o Pastor responde que sem sombra de dúvida Deus é central no culto. Em cada celebração isto é destacado e enfatiza que as pessoas participam com a intenção de buscar ajuda e orientação da parte de Deus. O regente do Coro Maior diz que sim, assim como o musicista: “Sim, não resta dúvida”. Presidente também diz que sim, assim como o regente do Coro Menor que enfatiza: “sim, em todos os cultos”.

Sobre a comunhão entre os irmãos de fé, o pastor diz: “Muito agradável. Mesmo sendo uma realidade bem urbana, onde as pessoas costumam ter pouco tempo para a convivência, os membros participam em variados momentos de comunhão. Cito um exemplo que acho bonito. Após os cultos dominicais matinais temos o chamado ‘Cafezinho’, algo simples, sempre preparado por algum casal. É bem normal que um grande grupo de membros que participam do culto fiquem para este tempo de convivência e não são raros os domingos em que eu saio do pátio da igreja depois das 11:30 horas, quando o culto terminou às 10 horas ou um pouco depois disso.” Regente do Coro Maior: “Vejo que o culto dominical é a centralidade, onde todos se encontram. Durante a semana as reuniões são nos grupos”. Musicista: “Este é um ponto interessante. Não vejo que minha comunidade tenha a comunhão como ponto forte. O encontro e a comunhão no culto não se refletem tanto na comunhão e encontro em outros momentos fora do ambiente da igreja. Isto de forma geral, claro que não é uma regra. Já tive experiências em outras comunidades (MEUC), onde os ambientes de culto e pós culto são ricos em

comunhão, conversas, alegria. O entendimento dos irmãos na fé como uma segunda família, que preza pelo cuidado um para com o outro. Não vejo isso tão forte na minha comunidade”. O presidente considera boa a comunhão entre os irmãos. O regente do Coro Menor diz: “a Igreja, instituição, denominação é formada, constituída por pessoas que em sua maioria buscam se alinhar com as diretrizes propostas”. Nas celebrações há oportunidades para acentuar a comunhão, bem como em muitas atividades fora das celebrações. Percebo que, diante das circunstâncias apresentadas e oferecidas pela vida moderna, a comunhão na fé na paróquia está acesa, ela é muito incentivada pelo pastor.

Sobre a necessidade na busca de algo para preencher espiritualmente a vida das pessoas e se isso acontece no culto, o pastor diz que sim e que ele acha que o normal é que as pessoas busquem ajuda ou orientação, mas também participam por gratidão, em reconhecimento do que já receberam de Deus. O regente do Coro Maior diz que sim, que, muitas vezes, é possível ouvir gente dizendo: “hoje sai diferente do culto, fez diferença na minha vida”; em outros momentos também é possível ouvir o contrário. O musicista diz que sim, embora talvez não para todas. “Acredito que muitas ainda buscam o culto como um rito, uma obrigação religiosa”. O presidente diz que as pessoas buscam algo no culto para preenchê-las espiritualmente. O regente do Coro Menor diz que sim. Há inclusive manifestações disso. Várias vezes recebi retorno de que foi bom ter ido ao culto, foi bom ouvir o coro, foi bom cantar junto, foi bom se aproximar de Deus pela palavra falada e cantada. Muitos encontram nos cultos uma aproximação maior, que não se encontra em outras possibilidades. Mesmo ouvindo um culto pelo rádio, as mesmas palavras e as mesmas músicas não são tão envolventes, pois no culto há o templo, há as pessoas, há o calor, a vibração, o envolvimento, a comunhão.

3.7 RELATO SOBRE A OBSERVAÇÃO DO CULTO NA COMUNIDADE

Foram observados três cultos dominicais, dois matutinos e um à noite, entre março e junho de 2016.

Os dois cultos matutinos, com características semelhantes, seguiram a liturgia utilizada na IECLB com inclusão da Santa Ceia. O primeiro culto do qual participei como observadora, onde foram distribuídos os questionários, foi um culto que seguiu a liturgia proposta para o *Dia Mundial da Oração*, que se realiza todo ano no Brasil

e, em geral, é coordenado pelo grupo de senhoras da IECLB (OASE). O roteiro é preparado a cada ano por mulheres de um país, e neste ano foi Cuba. Na entrada as pessoas foram recepcionadas com sucos naturais e cada pessoa recebeu uma flor. As crianças permaneceram até o primeiro hino e então seguiram com os professores para o culto infantil. Os hinos escolhidos do HPD (Hinos do Povo de Deus) que foram cantados em geral eram conhecidos pela comunidade. Foram acompanhados por flauta e órgão elétrico e conduzidos com habilidade. As senhoras participantes do roteiro litúrgico expuseram as questões e dificuldades deste país e de como as mulheres sobrevivem a crise econômica e como utilizam a criatividade para lutar e cuidar da família. A pregação feita pelo pastor e teve como referência o Evangelho de Marcos (10: 13-16), onde os discípulos trazem as crianças para Jesus. Aponta o texto para várias possibilidades de analisar a questão das próprias crianças, da postura dos adultos, da atitude dos discípulos e da reação de Jesus. Em seguida todos cantaram um hino e foram recolhidas as ofertas. A Ceia foi aberta a todos os que desejassem participar, incluindo as crianças que neste momento já haviam retornado do culto infantil. Durante a distribuição as musicistas tocavam e cantavam enquanto os participantes formavam grupos de 15 aproximadamente para formar um semicírculo no altar. A hóstia era distribuída por leigos que ajudavam neste momento e o suco foi servido em copinhos. Para finalizar todos participaram da oração final com o Pai Nosso e em seguida a bênção e envio. Para confraternizar houve um cafezinho. Acredito que havia em torno de 90 pessoas no culto.

O segundo culto observado, também dentro de um estilo tradicional, bem estruturado e com liturgia bem definida. Contou com a presença de um dos coros da paróquia que conduziu o canto comunitário juntamente com um musicista no violino e o regente no teclado. Também participou apresentando três músicas. Durante a Santa Ceia preparou repertório próprio para este momento no qual os participantes do coro permaneceram sentados cantando uma sequência de hinos e canções acompanhados por teclado e violino. A comunidade teve muita facilidade em acompanhar o canto comunitário. Havia sintonia entre músicos, cantores e comunidade. Não havia um condutor musical, ouvia-se uma comunidade cantante que se expressava no mesmo tom.

A pregação foi conduzida pelo pastor sobre a carta de Paulo a Timóteo. Falou sobre a vida de Paulo, sobre seu passado. Sobre misericórdia, que renova mentes humanas, muda ódio em amor e dá sabedoria e entendimento. O Credo foi orado

logo após a mensagem e em seguida seguiu-se para o momento do batismo de três crianças. A liturgia da Santa Ceia foi realizada de uma forma muito acolhedora e percebi que praticamente toda a comunidade, inclusive visitantes, participou da ceia. Na oração final houve uma retomada de tudo o que aconteceu durante o culto em forma de resumo, concluindo com o Pai Nosso. Talvez caiba comentar aqui que o pastor tem habilidade em fazer uma boa conexão com todas as partes do culto. Percebe-se que isto não acontece por acaso é algo bem preparado. A comunidade acompanha o desenvolvimento do culto com desenvoltura, com participação. Ao final do culto foram projetadas algumas imagens no telão para divulgação de atividades próximas.

O terceiro culto observado foi no período da noite e tem um formato um pouco diferente que os cultos da manhã. Também acontece nos domingos com a presença do pastor. A liturgia segue um estilo mais como Louvor & Adoração, não deixando de lado características bem próprias do culto tradicional, diria que é uma mescla.

Os participantes do culto são na maioria jovens, casais jovens e algumas famílias. O canto comunitário é conduzido por um Grupo Musical constituído por violão, percussão e dois cantores. O repertório é variado. A maioria das músicas não é do HPD e são projetadas no telão. Há no início um bloco de músicas, poderíamos chamar de momento de louvor, que é preparado pelo grupo, com uma boa sequencia tanto teológica quanto musical. Talvez nem todas as músicas estejam diretamente ligadas à teologia luterana, mas não conflitam com a mesma. A comunidade não tem dificuldade em acompanhar os cantos. Seguem fluentemente os ritmos e as melodias mais contemporâneas. Eu arriscaria dizer que são públicos diferentes os dos cultos da noite e os da manhã. Mas isso não necessariamente teria algum significado específico em relação à questão do canto comunitário.

A pregação do pastor é praticamente no mesmo formato do culto da manhã. O que talvez muda um pouco em relação ao culto matutino é a participação das pessoas com menos formalidade. Mas tudo tem conexão. Também houve Santa Ceia neste culto e a música foi conduzida pelo grupo. A benção final foi cantada e a duração do culto é igual do culto da manhã. Neste culto o número de pessoas foi um pouco inferior aos dos cultos matutinos.

3.8 CONCLUSÃO

Os dados da pesquisa pretendem demonstrar como o canto é percebido no culto cristão na comunidade cristã. Tanto os membros em geral como as lideranças respondem quase que de forma semelhante. Isto, por um lado, evidencia a unidade da comunidade, ou melhor, a sintonia entre os membros. Por outro lado, evidencia também a prática da espiritualidade através do canto por parte dos seus membros.

Desta forma, o canto se caracteriza como uma prática da espiritualidade e como prática comunitária, ou seja, o viver em comunidade. Deus fortalece cada indivíduo em sua individualidade e possibilita a vivência em comunhão entre os seus filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos apanhados históricos e teológicos que constam nos capítulos deste trabalho foi possível relacionar e acompanhar transformações sobre a utilização da música no decorrer da história e reconhecer sua importância dentro do culto cristão, na espiritualidade e na vida das pessoas.

A pesquisa, como pudemos observar, foi realizada dentro de uma paróquia que tem no canto, na música e na expressão sua forma de constituir comunidade. Se é no canto que uma comunidade pode expressar e fazer ressoar nos sons os misteriosos movimentos do seu interior e se esta ação está disponibilizada para todas as pessoas que desejam louvar a Deus, não seria este um sopro concedido pelo próprio Criador?

A manifestação do Espírito de Deus, como vimos anteriormente, nos será dada conforme sua vontade. Viver esta espiritualidade, que é possibilitada por Deus, permitirá momentos de exteriorização de sentimentos, através de expressões onde a música é um importante veículo da vida emotiva que gera e exprime os mais profundos sentimentos humanos.

O canto exercitado nas comunidades tem nas suas expressões um significado de encontro, um encontro com o Sagrado, no qual se revela a ação salvífica de Deus. E é no ato de cantar que as palavras de fé viverão nos lábios e nos corações das pessoas através da beleza e autenticidade, pois *“é pela beleza que a arte musical se torna sinal do sagrado”*.¹²⁸

Nesta pesquisa, procurou-se ilustrar como é viver em comunidade nos dias de hoje. Isto foi possível através dos dados obtidos a partir de uma investigação em uma paróquia da IECLB, levando em conta sua história individual e sua história no todo da igreja. As respostas às perguntas em forma de questionário demonstram que as pessoas não deixaram de olhar seu passado, mas vivem seu presente a partir do imenso legado teológico e musical da Reforma.

O canto comunitário desta paróquia tem na música seu papel que permite com que todos se sintam convidados a viver esta experiência musical. Vejo que isto acontece dessa forma por vários motivos, que já foram vistos no decorrer deste

¹²⁸ SILVA, José Fernandes da. *A música litúrgica-expressão da comunidade de fé*. Disponível em: http://www.liturgia.pt/anodafe/SILVA_Jose_Fernandes_Musica_liturgica_expressao_comun_fe.pdf. p. 116. Acesso em 28 ago. 2016.

trabalho. Destaco as lideranças musicais que são profissionais da área. Houve, ao longo dos anos, investimento para capacitações na área da música. Para uma comunidade com este número de membros, contar com dois coros demonstra a valorização dada à música e a competência em ministrá-la. Existe por parte dos presbíteros o desejo de que seja preservada a forma e o desenvolvimento musical na comunidade. O ministro compreende a importância da música e sua função e procura envolvê-la da melhor forma possível dentro do seu ministério.

O canto comunitário que se executa em geral nesta paróquia não é sofisticado, mas sim, algo simples, bem elaborado musicalmente, acessível e confortável para quem vai cantar. É bem conduzido e tem várias formas de acompanhamento sem provocar estranheza à comunidade. Os coros - um deles com menor número de participantes e outro com um grupo maior - têm papel importante para o canto comunitário. São dois coros diferentes, com regentes distintos e formas de execução também diferenciadas, cada um com suas qualidades próprias, mas que se completam ao trazerem a Palavra cantada dentro do contexto comunitário.

Entender como se dá especificamente a ligação entre o canto comunitário e a espiritualidade de uma comunidade é algo que não se pode medir, mas penso que é possível vivê-la e experimentá-la. A partir das investigações realizadas, relacionando-as com referências de alguns autores da área, observando as práticas de uma comunidade, seu jeito de ser, sua vida de fé, sua forma de lidar com a música, entendendo o contexto no qual estas pessoas vivem, como realizam suas experiências, onde o canto flui, onde as pessoas conseguem cantar e se expressar, é possível que se encontre a viva voz do evangelho da qual Lutero se referia.

A espiritualidade é e estará presente na vida destas pessoas e nas suas manifestações artísticas quando estas se propõem a exercitá-la. É uma forma de viver a fé cristã a partir de um impulso da graça.

Para a teologia luterana a fé não é algo abstrato, restrito ao cognitivo e circunscrito à apreensão doutrinária. A fé é pessoal, existencial, é obra do Espírito Santo que utiliza a dinâmica da Palavra de Deus e remete ao contexto da comunhão da Igreja de Cristo.

O canto comunitário por sua vez oferece à comunidade oportunidades de fazer conexões nestas vivências. Na comunhão, as vozes se unem para cantar em louvor, cada um na sua individualidade interligando-se com o outro entoando ao seu

Criador. Esta ação que se dá no canto comunitário é uma ação que se dá por inteiro. A voz possibilita produzir o evento sonoro que chamamos de canto, lembrando que este, em si mesmo, é uma prática cultural, que suscita em cada indivíduo autenticidade e se manifesta com características próprias em relação aos grupos e comunidades.

Temos visto que os diferentes sistemas musicais têm produzido cantos com diferentes qualidades, desde tessituras utilizadas, até qualidades timbrísticas e interpretativas. Portanto, vale aqui dizer que o repertório selecionado para ser cantado em uma comunidade precisa ter a ligação pontual com o que esta comunidade vive, o que ela pratica e no que ela crê. Se partirmos da compreensão de que todos têm o direito de cantar através “do sopro do Criador” dentro de uma comunidade, esta ação é algo concreto que a leva não somente à beleza, às emoções e aos sentimentos, mas também ao compromisso com Deus e com os irmãos.

Por isso, todos são convidados a cantar no canto comunitário. Não é tarefa só de alguns. Todas as pessoas podem se expressar. Todos têm seu lugar neste canto e é nele que as vozes se unirão para expressar seus mais profundos sentimentos e tudo o que lhes vem no coração. Melodia, harmonia, ritmo, timbres, poderão impulsionar na execução musical as mais diversas expressões e tornar de certa forma visível a espiritualidade de uma comunidade cristã.

Finalizando, na espiritualidade experimentamos a razão e a emoção. Para buscar em Deus, na sua Palavra, no seu reino, na sua justiça e no seu amor, emoções e sentimentos, estes precisam ser verdadeiros para serem experimentados.

REFERÊNCIAS

ALBRECHT, Christoph. A música no culto. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich (Org.). *Manual de ciência litúrgica*. Vol. 3. São Leopoldo: Sinodal, p. 329-362. 2013.

ALFAYA, M; PAREJO, E. *Musicalizar...uma proposta para vivência dos elementos musicais*. São Paulo: Musimed, 1987.

BARBOSA, Ricardo. *Janelas para a vida*. Resgatando a Espiritualidade do Cotidiano. Curitiba: Encontro Publicações, 2008.

BARBOSA, Souza de Ricardo. Deserto e Comunhão. O caminho da espiritualidade cristã. *Boletim Teológico*. Fraternidade Teológica Latino Americana, Setor Brasil, v. 8, n. 22, p.32-57, 1994.

BASDEN, Paul. *Estilos de louvor*. Descubra a melhor forma de culto para a sua igreja. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

BOFF, Leonardo. LELOUP, Jean-Yves. *Terapeutas do Deserto*. De Fílon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Dürckheim. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRAND, Hermann. *Espiritualidade*. Vivência e graça. São Leopoldo: Sinodal.

BUTZKE, Afonso Paulo. Aspectos de uma espiritualidade luterana para os nossos dias. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 43, n. 2, p. 104-120, 2003.

COELHO, Wöhl Helena. *Técnica Vocal para Coros*. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

CONFISSÃO DE AUGSBURGO. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

DEICHGRÄBER Reinhard. *Gotteshymnus und Christushymnus in der frühen Christenheit*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1967.

EBERLE, Soraya Heinrich. *Cantar, contar, tocar... A experiência de um grupo de louvor como possibilidade para a formação teológico-musical de jovens*. 2012. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2012.

EWALD, Werner ; A Importância da Música no Culto ou do Culto na Música - Uma Reflexão Sobre Prioridades. *Tear. Liturgia em Revista*, v. 27, p. 14-16, 2008.

FICHER, Ernest. *A necessidade da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

FLUCK, Marlon Ronald. Espiritualidade e cotidiano. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 30, n. 2, p. 104-113, 1990.

FOLEY, Edward. *Foundations of Christian Music: The Music of Pre-Constantinian Christianity*. Collegeville: Liturgical, 1996.

FREDERICO, Denise Cordeiro de Souza. *Cantos para o culto cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

GAINZA, Violeta Hemzy de. *Estudos de Psicopedagogia Musical*. São Paulo: Summus, 1988. (Coleção novas buscas em educação, v. 31).

GEORG, Sssi. Liturgia Cristã: Dádiva e compromisso. In: EWALD, Werner (Ed.). *Música e Igreja: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar*. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

GERSTENBERGER, Erhard S. *Psalms*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1988.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2000.

HINOS DO POVO DE DEUS. Hinário da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Editora Sinodal. São Leopoldo, vol. 1, 1981.

_____. Hinário da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Editora Sinodal. São Leopoldo, vol. 2, 2001.

HOFMANN, Friedrich. *Die Gemeinde lernt singen: Grundsatzliches und Praktisches zum Gemeindesingen*. Kassel: Baerenreiter Verlag, 1957.

JUNIOR, Gonzaga. *O melhor de Gonzaguinha. O que é o que é*. São Paulo: Irmãos Vitale Editores, 1998.

KIRST, Nelson. Liturgia. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina: Evangelho, missão e culturas: o desafio do século 21*. São Paulo: ASTE, 1998. p. 119-142.

LAMB, John Alexander. *The Psalms in Christian Worship*. Glasgow: Canterbury, 1962.

LIVRO DE CONCÓRDIA: as Confissões da Igreja Luterana. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1997.

LUTERO, Martinho. Catecismo Menor, explicação do II Artigo. In: LIVRO DE CONCÓRDIA: as Confissões da Igreja Luterana. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1997.

_____. *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, vol. 7, 2000.

MARINHO, Rui. Um pensamento sobre a função do canto no culto. 2014, s/p. Disponível em: <http://bereianos.blogspot.com.br/2014/05/um-pensamento-sobre-funcao-do-canto-no.html>. Acesso em 20 ago. 2016.

MATHIAS Nelson. *Música e seu ministério na igreja*. Brasília: Musimed Editora, 1997.

McCOMMON, Paul. *A música na Bíblia*. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

PERRIN, Norman, DULING, Dennis C. *The New Testament, an Introduction: Proclamation and parenthesis, Myth and History*. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1982.

PREUSS, Hans. *Martin Luther der Künstler*. Gütersloh: Bertelsmann, 1931.

QUASTEN, Johannes. *Music and Worship in Pagan and Christian Antiquity*. Washington D.C.: National Association of Pastoral Musicians, 1983.

SCHALK, Carl F. *Lutero e a música: paradigmas de louvor*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

SENHAS DIÁRIAS. São Leopoldo: Sinodal, 2016.

SHEDD, Russel P. *Sociedade Religiosa*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1987.

_____. *Adoração Bíblica: os fundamentos da verdadeira adoração*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2007.

SILVA, José Fernandes da. *A música litúrgica-expressão da comunidade de fé*.

Disponível em:

http://www.liturgia.pt/anodafe/SILVA_Jose_Fernandes_Musica_liturgica_expressao_comun_fe.pdf. Acesso em 28 ago. 2016.

VILLELA, Chinellato Eliphas. *Fisiologia da Voz*. São Paulo: Ed. do Autor, 1961.

WHITE, James F. *Introdução ao culto cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

WILLEMS, E. *El Ritmo Musical*. Buenos Aires: Ed. EUDEBA, 1954.

ZIMMERLI, W. *Manual de Teologia del Antiguo Testamento*. Madri: Ediciones Cristandad, 1972.

ZWETSCH, Roberto. Missão: testemunho do Evangelho no horizonte do reino de Deus. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina: Evangelho, missão e culturas: o desafio do século 21*. São Paulo: ASTE, 1998. p. 196-220.

ANEXO 1



CANTO COMUNITÁRIO – uma prática musical no exercício da espiritualidade da Igreja Cristã em suas formas de expressão e execução.

QUESTIONÁRIO.

A – IDENTIFICAÇÃO.

1. Gênero

Masc Fem.

2. Idade:anos.

3. Estado civil.

Solteiro /a.

Casado/a

Outro. Qual? _____

4. Escolaridade.

Nunca freqüentei escola.

Ensino fundamental completo

Ensino fundamental incompleto

Ensino Médio completo

Ensino médio incompleto

Ensino Superior completo

Ensino Superior incompleto

Pós-Graduação completa

Pós-Graduação incompleta.

B – PERCEPÇÃO SOBRE SUA PARTICIPAÇÃO

5. Você freqüenta os cultos dominicais:

todos os domingos

dois domingos a cada mês

uma vez por mês

uma vez a cada dois meses

Outra possibilidade. Qual?

6. Você participa de alguma outra atividade na paróquia?

Presbitério

OASE

LELUT

Grupo de Jovens

Banda

Coro

- Culto Infantil
- Outro. Qual?

C – PERCEPÇÃO SOBRE O CULTO E A MÚSICA.

7. No culto se canta:

- muito
- pouco
- na medida.

8. Os hinos/cânticos lhe agradam?

- sim Exemplo: _____
- não Exemplo: _____
- quase sempre
- sempre
- nem sempre

9. Você consegue cantá-los confortavelmente?

- sim
- não
- às vezes

10. Eles conseguem expressar o que você sente?

- sim
- às vezes
- quase sempre
- não

11. Eles expressam temas sobre os quais você ouve no culto?

- sim
- quase sempre
- nem sempre
- não

12. A música no culto ajuda a focar seus pensamentos em Deus?

- sim
- quase sempre
- às vezes
- não

13. O que você canta é verdadeiro para você?

- sim
- quase sempre
- às vezes
- não

14. A música no culto auxilia no encontro com Deus?

- sim
- às vezes
- não

15. Você consegue louvar a Deus através dos hinos/cânticos entoados em sua comunidade?

- sim
- quase sempre
- às vezes
- quase nunca
- não

16. A música tem boa condução musical na sua paróquia?

- sim
- às vezes
- não

17. Você tem alguma dificuldade em acompanhar os hinos/cânticos?

- sim Dê um exemplo: _____
- às vezes
- não

18. Os instrumentos ajudam no canto do culto dominical?

- sim
- quase sempre
- às vezes
- não

19. Você tem o desejo em seu coração de cantar e expressar louvor a Deus?

- sim
- quase sempre
- às vezes
- não

20. Você teria sugestão para outra forma de cantar os hinos/cânticos de sua igreja?

- sim Qual? _____
- não

D – PERCEPÇÃO SOBRE A ESPIRITUALIDADE.

21. No culto você encontra momentos para meditar/contemplar?

- sim Em que momento? _____
- às vezes
- não

22. Em casa você tem necessidade de momentos de meditação?

- sim Quando? _____
- às vezes
- não

23. Deus é a centralidade no culto dominical do qual você participa?

- sim
- às vezes
- não

Por quê? _____

Ou explique sua resposta: _____

24. Cristo Ihe é revelado como único Salvador?

- sim
- às vezes
- não

25. Ihe agrada a comunhão com os irmãos na fé?

- sim
- nem sempre
- não

26. O culto prá você é um encontro com Deus?

- sim
- às vezes
- não

27. Você sente a necessidade de buscar no culto algo que Ihe preencha espiritualmente?

- sim
- às vezes
- não